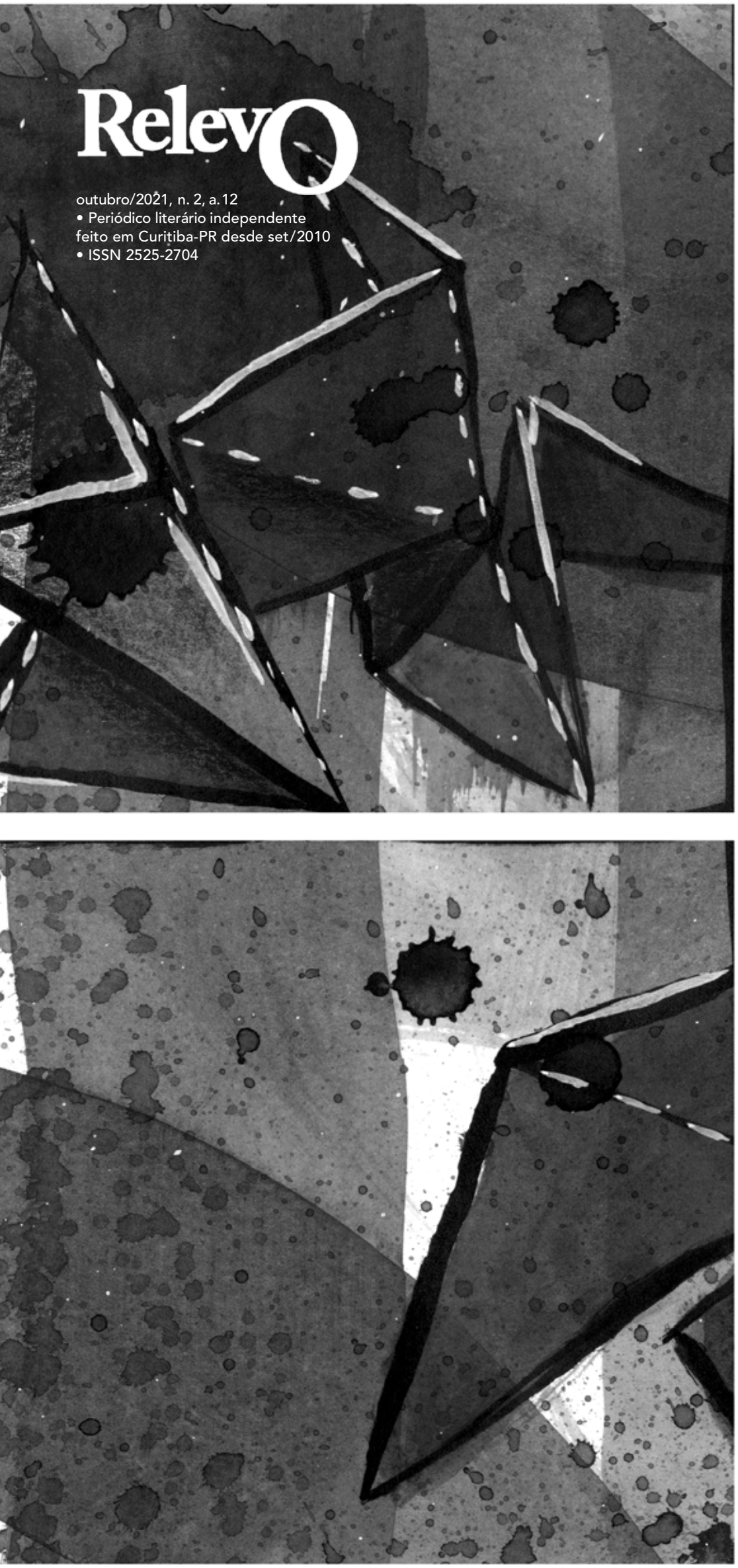
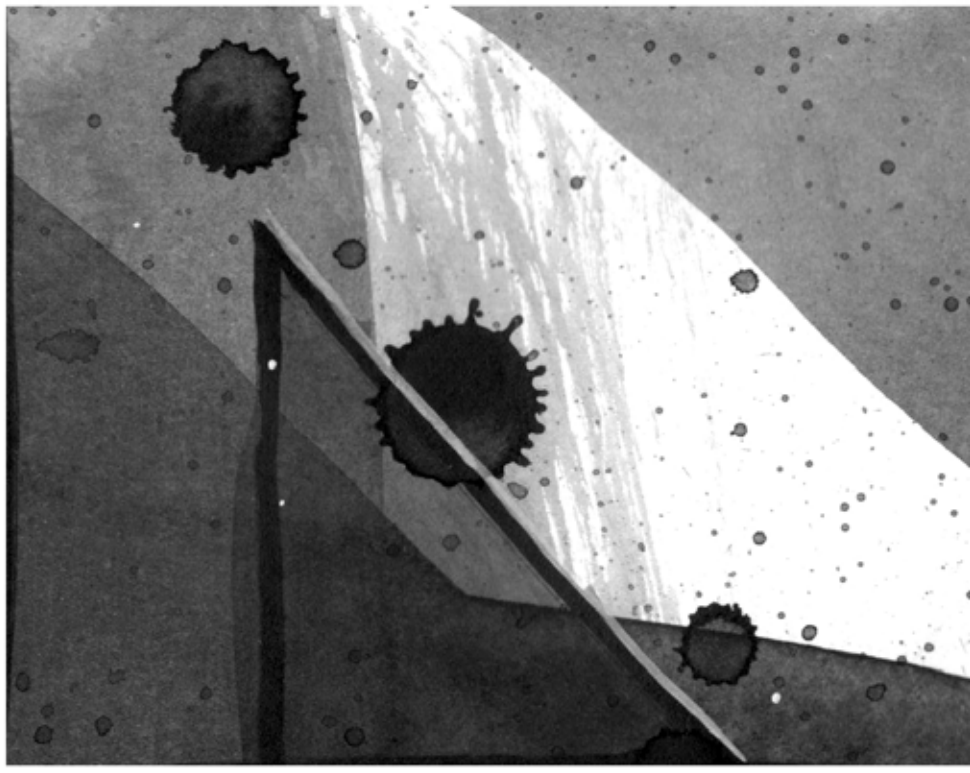
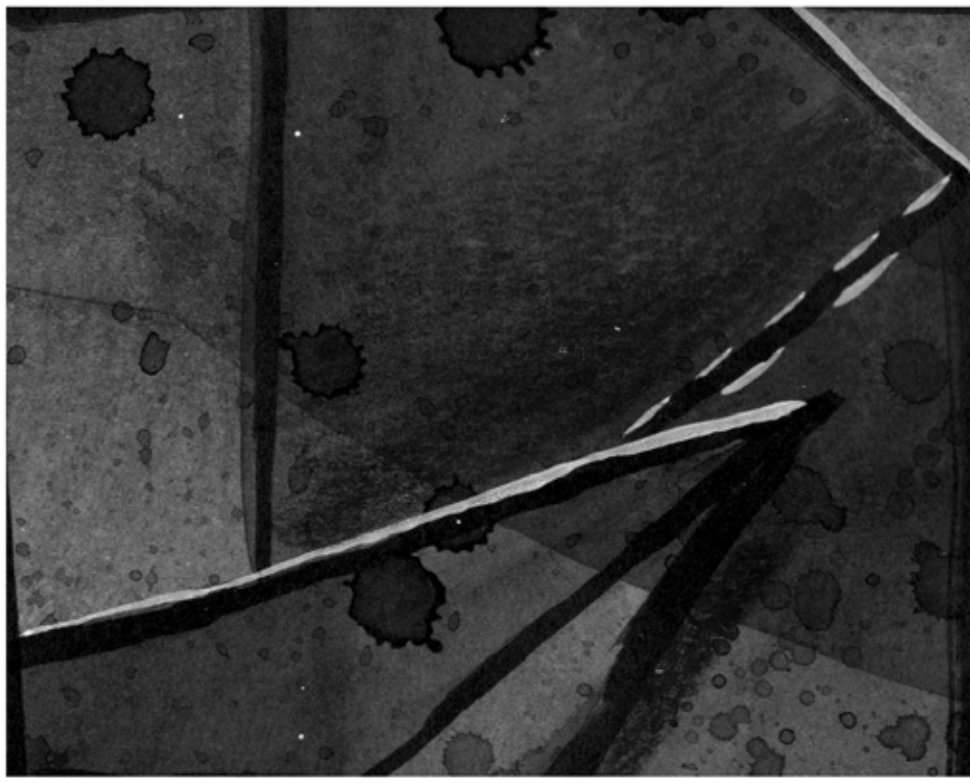
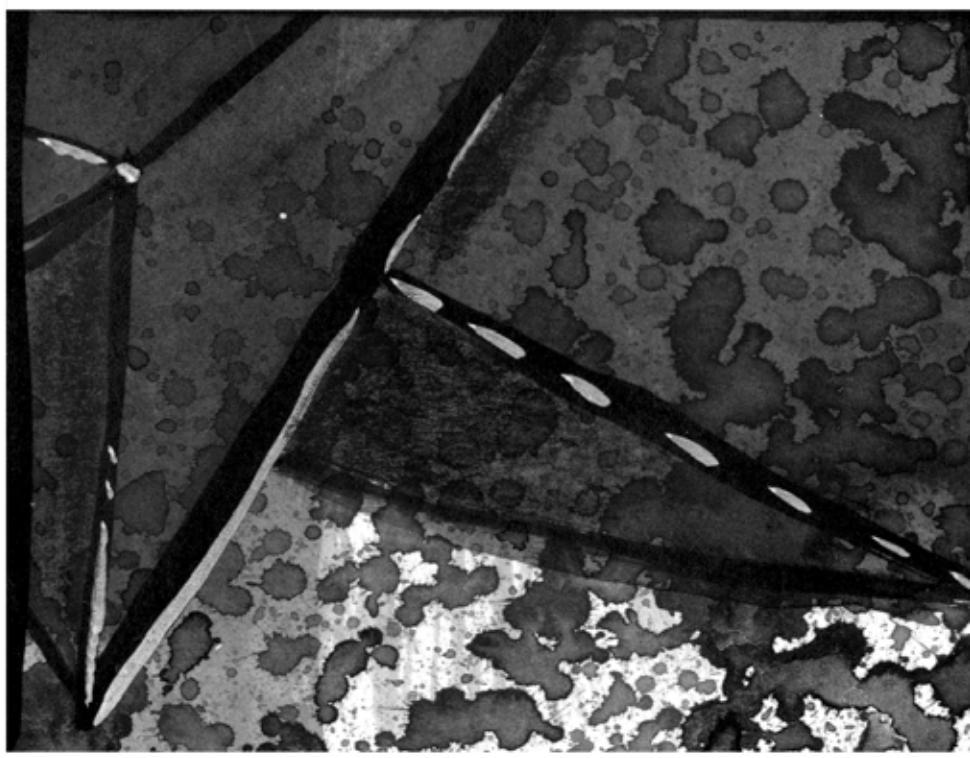
RelevO

outubro/2021, n. 2, a.12
• Periódico literário independente
feito em Curitiba-PR desde set/2010
• ISSN 2525-2704









Assine/Anuncie: O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

Publique: O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.

As ilustrações desta edição são de autoria de Guilherme E Silveira. Você pode conferir mais do trabalho dele em **<instagram.com/guilherme.e.silveira>**.

DOS CUSTOS DA VIDA

(+) RECEITA BRUTA

ASSINANTES:
R$ 200 Portal Fazia Poesia; R$ 110 Jessica Claros; R$ 105 Deise Warken; Denise Stanczyk; Bruno Lorenz; Helayne Bessa Menezes De Souza; R$ 100 Flávio Roberto Batista; Cymara Scremin; Sissa Stecanella; Laura di Pietro; Daniel Macedo; Sabrina Gesser; Miriam Adelman; Fernando Rodrigues; Paulo Augusto Bessa;Vera Casa Nova; R$ 80 Taiana Bubniak; Alessandro Rodrigues; Hélio Vasconcelos; Paula Couto; Guimarães Carvalho; Telma Franco Diniz; R$ 75 Constância Lima Duarte; R$ 70 Benilson Toniolo; R$ 60 Afonso Nilson Barbosa; Amanda Camargo; Athos Ronaldo Miralha da Cunha; Clarissa Macedo; Priscila Branco; Jamille Carvalho Santos; Denise André; Tchello D'Barros; Marilia Mattosinho; Yan Rego; Cassia Lima; Cristiano Pitt; Morgana Rech; Marli Voight; Eduarda Vidal; Wellington Cesar; Lucas Silos; Vizette Seidel; Julia Raiz; Araceli Mengarda Jakubiak; Paulo Sérgio Ramos da Costa; André Giusti; Renata de Castro; Francisco José Ramires; André Cáceres; Luana da Silva Santos; Mauricio Ribeiro; Ariane Hidalgo; Bruna Mibielli; Milena Martins Moura; Bárbara Brito; Helen Cristina Guaraldo; Sha Konrath; Andréia Gavita; André Balaio; Vinicius Maurer; Fernanda Frantz; Pedro Moraes Couto; Michele Pupo; Ricardo Leão; R$ 57 Luiz Fernando Huf; Luana Pereira; Lygia Carvalho; Joabe Nunes dos Santos; Pedro Henrique Arcuri Gouveia; Antonio Souza; R$ 55 Cleópatra Melo; R$ 50 Wilson Chales; R$ 47 Pedro Diaz Mattos; R$ 40 Osny Tavares

TOTAL: R$ 5.209

ANUNCIANTES:
R$ 400 BNCC; R$ 250 Felipe Gomes; R$ 240 Milena Martins Moura; R$ 200 Editora Penalux; R$ 120 Maurício Simionatto; R$ 60 Rômulo Cardoso; Kamila Mayara; R$ 30 O Alienígena

TOTAL: R$ 1.360

(–) CUSTOS FIXOS
Gráfica: R$ 1.000
Escritório: R$ 340
Embalador: R$ 50
Autores e ilustradores: R$ 460
Editor: R$ 1.200
Editor-assistente: R$ 300
Serviços editoriais: R$ 200
Mídias sociais: R$ 250
Diagramação: R$ 140
Infografia: R$ 180

(–) DESPESAS VARIÁVEIS
Transporte: R$ 500
Correios: R$ 1.626

(–) DESPESAS ADMINISTRATIVAS
Domínio mensal: R$ 30

(+) Entradas totais: R$ 6.569
(–) Saídas totais: R$ 6.576

(=) Resultado operacional: **- R$ 7**

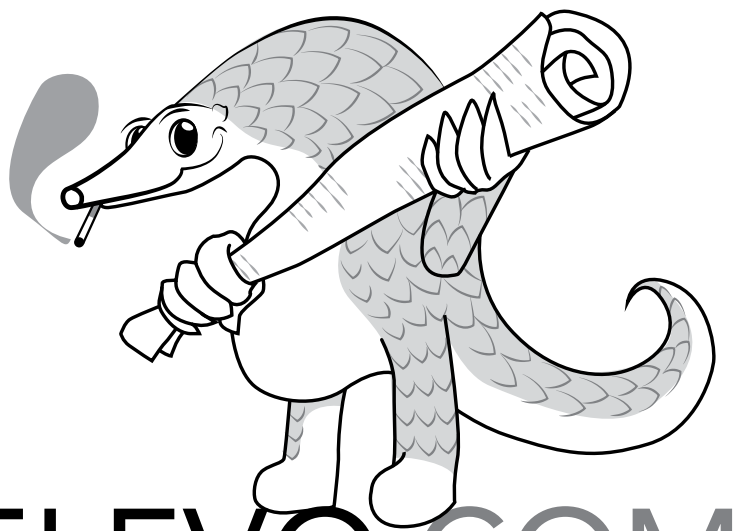
Outubro/2021

Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Osny Tavares
Revisão: Às Vezes
Projeto gráfico: André
Infografia: Bolívar Escobar
Advogado: Bruno Meirinho
OAB/PR 48.641
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 3.000

Edição finalizada em 25 de setembro de 2021.

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Bruno Meirinho
Celso Martini
Cezar Tridapalli
Morgana Rech
Felipe Harmata
Jacqueline Carteri
Osny Tavares
Whisner Fraga



CARTAS

JORNAL PÓS-MODERNO

Luiz Fernando Huf Oioi, pra enviar e-mail pra seção Cartas é por aqui mesmo? Pois bem, não acredito que leio o **RelevO** há cinco anos e só agora fui reparar que nenhum dos textos é justificado. Agora que reparei, não consigo não ficar incomodado, vou cancelar minha assinatura (brincadeira). Ademais, a edição de setembro está ótima, como todas as anteriores, apesar de eu ainda não ter entendido o rolê das duas capas.

Pedro Osório É aqui que responde a seção Cartas? Sobre a *Enclave*, então, eu não faço isso muito até porque eu não tenho saco pra newsletter. E antes que isso pareça um elogio à grande diferença da newsletter de vocês, já adianto que eu não tenho saco pra ela também. E não é que o conteúdo seja ruim, não, não... Mas tem dias e dias. Hoje foi um dia que eu abri o e-mail e fiquei "hmmm, vou ler", porque hoje falava sobre *Matrix*. Eu nunca assisti *Matrix*, nem o primeiro. E isso que gosto bastante de sci-fi. Demorei 20 anos pra descobrir que a cena do Keanu Reeves com a boca grudada era desse filme. Mas todo mundo gosta, ainda mais agora que vai sair outro, então a gente lê, né? Mas foi só hoje que percebi o que era legal na newsletter de vocês que às vezes dá vontade de ler: o hipertexto. Acho que a forma de encaminhar pra outros lugares é o mais legal, junto com as discussões abertamente despretensiosas das coisas — ou pretensiosas demais a ponto de ser um xadrez 4D pra me fazer acreditar que não, mas aí já é especulação. Enfim, acho que muita gente da minha geração cresceu clicando em hiperlinks na Wikipedia por horas a fio, então sair por aí clicando em palavras azuis e sublinhadas é quase que natural, e depois quando elas ficam roxas fica aquela sensação de proximidade, de déjà vu ("ah, mas eu já cliquei nisso? que que era mesmo?"). Mas é isso, hipertexto é show de bola, vocês fazem bom uso. Quando comecei a sair das redes sociais, decidi tentar me informar por newsletter de jornal. Resultado? Passava mais tempo limpando a caixa de entrada do que lendo notícia. Mas, ainda assim, mantenho algumas poucas, a de vocês inclusive, que fica ali, meio de ladinho, pairando… Enfim, o trabalho de vocês é ótimo! Sigam firmes!

Diego Sousa Fico feliz que tenha voltado a distribuição nos pontos culturais. Eu só descobri o jornal, logo antes do início da pandemia, porque me deparei com ele numa livraria. Aliás, na edição de agosto, me deparei com um belo texto sobre falar ao dormir. Não conheço o autor, será que o Jornal publica pseudônimos? Bem que esse texto poderia ser do Sidarta Ribeiro. Parabéns e vida longa ao Jornal!

Helayne Bessa Bom dia! Chegou o meu exemplar! Foi só perguntar, né. Até esse momento, não sabia que sentia falta do cheiro de um jornal. Muito bom o material. Que bom que conheci vocês. Boa sexta-feira e obrigada pelas respostas, sempre tão breves!

NONONO

Susan Sthefany Volanski Infelizmente, no momento, assinar esse jornal não faz sentido pra mim.

Clarisse Peixoto Só passando pra contar que chegaram aqui as edições de julho e de agosto e que estou adorando. Muito obrigada!

FICAM OS DENTES

Cleiton Furtado Olá! Passando pra avisar que recebi ontem a edição de agosto (e junho e julho! Valeuuu hahahaha). O **RelevO** será minha companhia nesses três dias de repouso após extrair um siso. Abraço.

Joabe Nunes Tenho interesse sim em contribuir para a manutenção do projeto e gosto muito do jornal. Principalmente das capas.

Jessica Claros Como a mais nova feliz assinante do **RelevO** que sou, não deixaria de fazer um unboxing de meu primeiro jornale (sim, é jornale) literário recebido. Tem ensaios, contos, crônicas, perspectivas, percepções, é aquele humor que gosto. E qualquer coisa, a culpa é do revisor!

SE TODOS FOSSEM...

Sha Konrath Acho que vai ser importante para mim enquanto escritora receber o conteúdo de vocês.

Irene Dias Gente! Infelizmente (não pra mim), meu companheiro já assina. E como moramos juntos, eu acabei não precisando assinar. Mas como é um jornal muito phoda, genial, eu vou encher o saco dos outros pra assinarem também. Parabéns pela genialidade de boa vontade pra fazer um trem difícil desses.

UM DIÁLOGO

RelevO: Que acha da ideia de, numa dessa, assinar o **RelevO**?
Antunes Freitas: Fico feliz com o contato. Me desculpa, amigo, não entendi no que desses.
R: Pior que agora fomos nós que não entendemos você. Comunicação digital é uma loucura-loucura.
A.F.: Sim você fala como resposta ao email? [autor mandou texto para avaliação] Eu fui buscar e não a encontrei. Mas quanto à proposta... Sobre a troca de textos por assinatura. Para mim, é perfeito, pois tudo que busco é ter mais opção de leitura e crescer um pouco. o jornal é realmente incrível. Parabéns!
R: Ah, é que infelizmente nós não fazemos esse tipo de troca. A parte editorial não se mistura com o financeiro.
A.F.: Entendi.

Ana Breigeron Oi, bom dia. Simmmmmm, chegou o jornal. Fiquei tão feliz. Amei as ilustrações, morri de rir com os comentários dos leitores, enfim, todo o conteúdo é maravilhoso. Parabéns!

Renata Castro Descobri o trabalho de vocês recentemente ao procurar onde publicar alguns de meus poemas. Li o editorial no site e achei muito bom. O sarcasmo me fez rir, mas me intimidou também. Vou me informar no site sobre a assinatura. Sei que a mensagem é coletiva, mas é sempre bom quando vem com meu nome. Valeu :-)

RELEFITO

Diego Antonelli O pangolim nazista voltará a aparecer? Que história maluca! Curti demais! E, claro, rachei o bico!

Rosana Cuba Muito importante o jornal se posicionar contra esses separatistas! Aguardando meu exemplar aqui.

Fernanda Dante Achei simpático esse tatu rabudo.
Da redação: não se nasce tatu rabudo, se torna.

Walter Bach Tô vendo esse mascote defender essas ideias com esse taco de bets. Vai fazer um papelão.

CAPA DE VERDADE

Mauro Donato Uma capa melhor que a outra.

Douglas Domingues Ah, curti muito essa capa. Mas vou sentir saudade do pangolim fumante.

Maria Diel Acho que o mascote pode ser… Inocêncio!

Davi Etelvino Vida longa ao **RelevO**, ao pangolim e a Blumenau!

Vitor Motta dos Santos Ainda não tive tempo de ler com calma, mas o pouco que li tem sido bem legal, especialmente as tiradas de humor. Logo vou fazer uns vídeos falando sobre, umas resenhas. Parabéns pela resistência.

TÁ BARATO

Osvaldo Vilaça Continuo comprando porque é barato e de vez em quando preciso de uns jornais pra embalar uns troços.

Cefas Carvalho Em mãos a mais nova edição do **RelevO**, uma das mais aguerridas publicações literárias do país. Muita coisa boa para ler!

Luana Pereira Chegou a minha dose de deboche e literatura mensal!

11 ANOS

Ademir Demarchi Parabéns! Já estão quase uma ninfeta para os novos nabokovs!

Rômulo Cardoso O **RelevO** é um descobridor. Ele descobre amizades.

Marcio Sales Saraiva Assim que retornar minha bolsa de pesquisa, volto a assinar este jornal MARAVILHOSO!

Tere Tavares Um jornal excelente que engrandece a literatura e a arte. Parabéns.

Tonho França Vida longa ao **RelevO**. Parabéns a toda equipe.

Felipe Benicio Olá, bom dia. Conheço o trabalho do **RelevO** e acho que é um espaço muito massa de circulação de ideias, sobretudo de literatura. Mas, no momento, eu tô com uma pilha de volumes de uma outra assinatura que eu tive que cancelar porque não tava tendo tempo de ler no momento, devido à escrita da minha tese. Mas, assim que a vida voltar aos eixos em termos de leitura, considerarei com carinho a possibilidade de assinatura.

TEMPO PASSA

Juliano Soares Trabalho com ilustração, quando tiver oportunidade de uma colaboração, ficarei felizão de poder participar do jornal. Como leio desde a adolescência, seria uma experiência incrível de se ter.

NORTEADOR

Jullie Pereira Oi oi. Vocês são muito bons! Vou cogitar a assinatura! No momento estou focada em colaborar com iniciativas aqui do Norte.

Bruna De Conto Linda a edição de setembro. Vários textos ótimos. Os escritos de Lúcio Cardoso, o texto falando de Freud e da arte, o trecho do conto da Clarice que está entre meus favoritos.

JORNAL RASCUNHO

Erica Lima Boa tarde. Espero que estejam bem. Não desejo que o meu e-mail seja um incômodo. Eu enviei para o jornal algumas crônicas para análise. Eu não sei se há alguma resposta, mas aguardo ansiosamente pelo retorno. Espero que o meu material seja aprovado, pois seria um sonho ter meu texto publicado no *Jornal Rascunho*. Obrigada pela atenção.

EDITORIAL

Viver em conformidade com a realidade

Sentimos como se estivéssemos, agora, vivendo em um modo público intermediário, dominados pela sensação ambígua de passagem e permanência. Ao mesmo tempo que vemos o avanço da vacinação e a redução dos índices de mortalidade pela Covid-19, podemos observar um cenário de retomada lenta e um certo espírito de gastura aliado à crise econômica e ao aumento do custo de vida. O Brasil é o rio que muitas vezes esquece de desembocar.

Desenvolver um projeto de literatura em tais circunstâncias de temperatura & pressão exige uma dose constante de aceitação da realidade como ela é. Trata-se de diminuir as expectativas, planejar-se para o pior cenário e não se identificar com as emoções — estamos bem? A edição saiu mais uma vez? Ok. Podemos ser encerrados em virtude da exigência do uso do papel-jornal apenas no equinócio? Pode acontecer, e, se acontecer, tudo bem. Fazemos o que está dentro dos nossos domínios.

Para um jornal de papel feito em Curitiba e com circulação nacional como o **RelevO**, o cenário macro explica em larga profusão o cenário micro em que nos localizamos, o que nos limita, ao mesmo tempo que nos permite ir em outras direções editoriais sem ligar muito para as consequências — não somos nem queremos ser o maior jornal de literatura do Brasil (até porque *ser* isso iria de encontro ao que entendemos como a boa relação com a nossa dimensão egóica).

É certo que o Brasil sempre esteve atrás em projetos de educação, em planos de leituras, em acesso a bens culturais, entre outras demandas que nunca foram devidamente protagonistas da vida pública e interferem no alcance do nosso público. Este é o Brasil em que estamos inseridos em 2021, resultado de seu percurso histórico. O Jornal paga tributo aos seus antecedentes, mas também não somos deterministas a ponto de acreditar que não haja nenhuma saída – e que o melhor seja reclamar na internet.

Dito tudo isso, o que nos resta?

Aceitar e seguir fazendo o que fazemos: geração contínua de materialidade enquanto ela for possível.

O Brasil que temos para desenvolver nosso projeto literário é esse. Após completarmos 11 anos e darmos entrada a uma espécie de pré-adolescência existencial, já identificamos alguns padrões: o custo operacional aumenta regularmente; nossa base de assinantes e anunciantes sofre com as crises quase permanentes e muitas vezes deixam de nos acompanhar por conta das oscilações financeiras; o meio literário é viciado por relações promíscuas entre as esferas financeira e editorial (como provavelmente é nas mais diferentes esferas da vida pública nacional, apenas com sinais diferentes).

Aceitar que somos o que somos nos liberta da frustração e da amargura. O Brasil não é apenas uma escuridão fundamental. Diante de tantas intempéries, temos um outro Brasil também, um Brasil de diversas bibliotecas comunitárias, de apoiadores que adquirem o Jornal para quem não tem recursos, um volume impressionante de textos recebidos para que cheguemos a uma edição de, em média, dez autores e autoras que nos cativaram naquele espaço de tempo.

Nessa nova fase, demarcada por mais um aniversário durante a pandemia, sentimos que a necessidade é cada vez mais premente de buscar a estabilidade de nosso coração editorial em meio às circunstâncias e entender a desilusão como o caminho maior para a verdade — quem nos desloca, quem nos prejudica, quem nos irrita é o mestre.

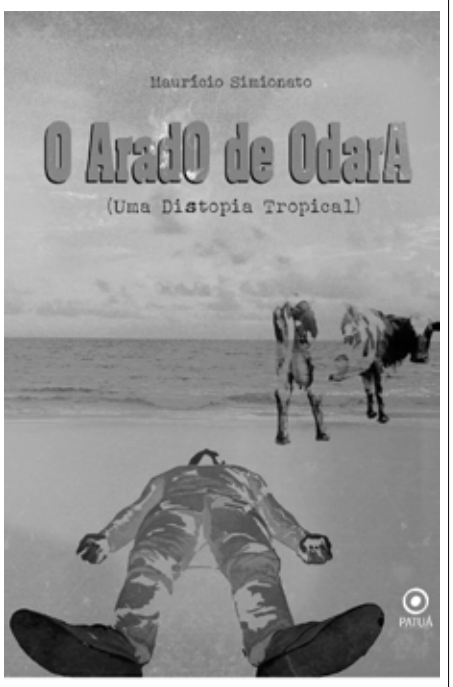
E qual seria a nossa verdade? Ser um bom periódico de literatura e de humor, sem pretensões de ser maior, menor ou igual. Apenas continuar aquilo que julgamos bom e nos deixa parcialmente satisfeitos.

Boas leituras a todos.

APOIADORES

O Arado de Odara, de Maurício Simionato, equivale a um passeio pelas várias possibilidades e modos de expressão da poesia contemporânea brasileira; em especial, daquela realizada pelos novos autores que aliam a inquietação, o inconformismo em face da "distopia tropical", à intensa sensibilidade lírica.

Claudio Willer



"O Arado de Odara, arrisco dizer, propõe-se a realizar um manifesto sócio-político-poético da atualidade. Maurício Simionato assopra a poeira do mundo por meio do verbo, com o olhar sensível aos detalhes presos nos fenômenos e nos acontecimentos atuais. Cada frame dessa distopia está catalogado, entrecruzado à musicalidade das movimentações – corpóreas e de pensamento – do homem",

Amanda Vital,
poeta e editora

Maurício Simionato é poeta e jornalista. Lançou os livros de poesias "Impermanência" (2012, selecionado pela Secretaria de Cultura de Campinas) e "Sobre Auroras e Crepúsculos" (2017, Multifoco), este último lançado na Bienal de Literatura do Rio/2017.

OMBUDSMAN

Osny Tavares

Em defesa do gênero neutro

Todos os meses, antes de sentar para escrever esse texto, tento cavoucar as páginas em busca de algo ainda não devidamente observado. Essa é a jornada do ombudsman de jornal literário: ser um acupunturista das pretensões alheias. Desta vez, me detive com curiosidade na página 2, aba Publique. O quadrinho cinzento diz que este jornal recebe textos de todos os gêneros, ilustrações, narrativas visuais e fotográficas.

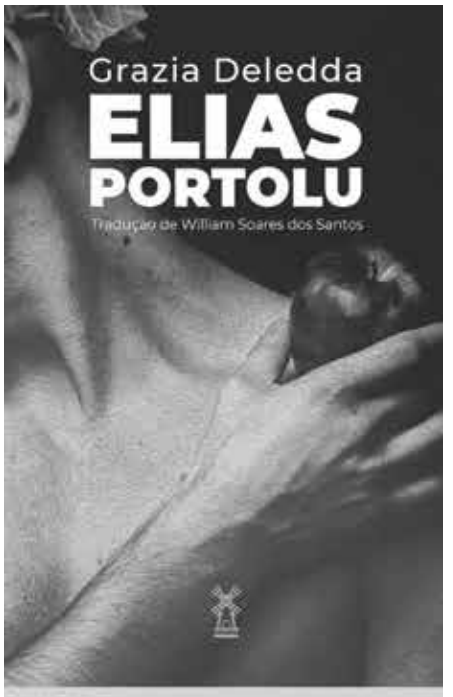
É um convite à pluralidade de gêneros, mas poderia ser compreendido — de forma aprofundada — como a superação destes.

O mercado editorial está em crise (novidade!). Esta, porém, parece um pouco mais ampla, pois se estende também à plataforma. Muito se lamentou o fechamento dos cinemas na pandemia, pouco o das bibliotecas. A discussão sobre a perenidade do livro é longa e complexa, e não me cabe. Mas lembro dela para refletir sobre o norte estético que compositores de letras podem buscar.

Poderíamos, sim, especular sobre a vitalidade do romance, ou de um determinado tipo de prosa estrutura em descrições, diálogos, cenas. Este ainda é, de fato, o gênero nobre e altivo da literatura, recheador de estantes da classe média medianamente ilustrada, ou apenas o último cadáver da modernidade que, tal como os de Antares, hesitam em desocupar a praça? Por que ainda se tenta escrevê-los? Por que ainda se busca demonstrar possuir fôlego e técnica para tal?

Os textos enviados ao **RelevO** se enquadram com alguma facilidade em algum gênero consolidado. São, primeiramente, uma homenagem a estes. Eu diria até que a prosa longa é a visão majoritária, quase comum. É natural que se comece em terreno conhecido, porque, convenhamos, esse papo de transgressão sempre soa bem pedante. Porém, penso que um autor deva buscar ser novo, antes de ser velho.

Fugir dos gêneros consolidados e, por consequência, criar um novo é para raríssimos, evidentemente. Mas usar a linguagem literária de forma ampla e híbrida para comunicar com densidade é possível para um público letrado mais amplo, minimamente inspirado e pouco impressionável com fardões de academias.



A narrativa de Elias Portolu se passa na Sardenha e é um dos livros mais intrigantes de Grazia Deledda, uma das poucas mulheres a ter sido agraciada com o Nobel de Literatura.
O livro narra a história de Elias Portolu, que havia sido preso por pequenos furtos. Ao voltar para casa, é acolhido pela família, com a mãe, em particular, esperançosa de que a prisão lhe tenha ensinado uma lição.
Durante sua ausência, seu irmão mais velho, Pietro, ficou noivo de Maddalena, que Elias nunca conheceu. Mas quando Elias conhece Maddalena, eles se apaixonam imediatamente um pelo outro. O resto do livro trata das consequências dessa amor.
Pode parecer um simples romance, mas a escrita de Deledda, cheia de tensões, faz com que os leitores virem as páginas incessantemente desejando saber o que vai acontecer.
Com tradução de William Soares dos Santos, que esteve na final do Jabuti de 2020, com outro livro de Deledda, ***A cidade do vento, Elias Portolu*** *é o segundo livro da autora na Editora Moinhos.*

www.editoramoinhos.com.br

"Em *Quem sou eu: meu epitáfio*, Mayara Lima é humana e artista; procura esclarecer sua própria identidade em versos, encontrando-se em meio às inúmeras facetas experienciadas pelo ser humano na construção de sua identidade. Ora real, está no mundo da literariedade, e é comerciante, psicóloga, doadora de livros para bibliotecas; ora figurada, flutua no ar da linguagem poética e é metamorfose, contradição e contemplação."

Analice Chaves, poeta

Adquira seu exemplar em
www.e-galaxia.com.br/produto/quem-sou-eu-meu-epitafio

Acontece nos livros

@noslivros
/acontecenoslivros
acontecenoslivros@gmail.com
/acontecenoslivros
@acontecenoslivros

Oribê

A Oribê é uma editora que também oferta cursos livres on-line nas áreas de artes, cultura, humanidades, literatura e filosofia.

Confira em:
www.https://oribeeditorial.com/cursoslivres

GRANDES AVENTURAS GONZO

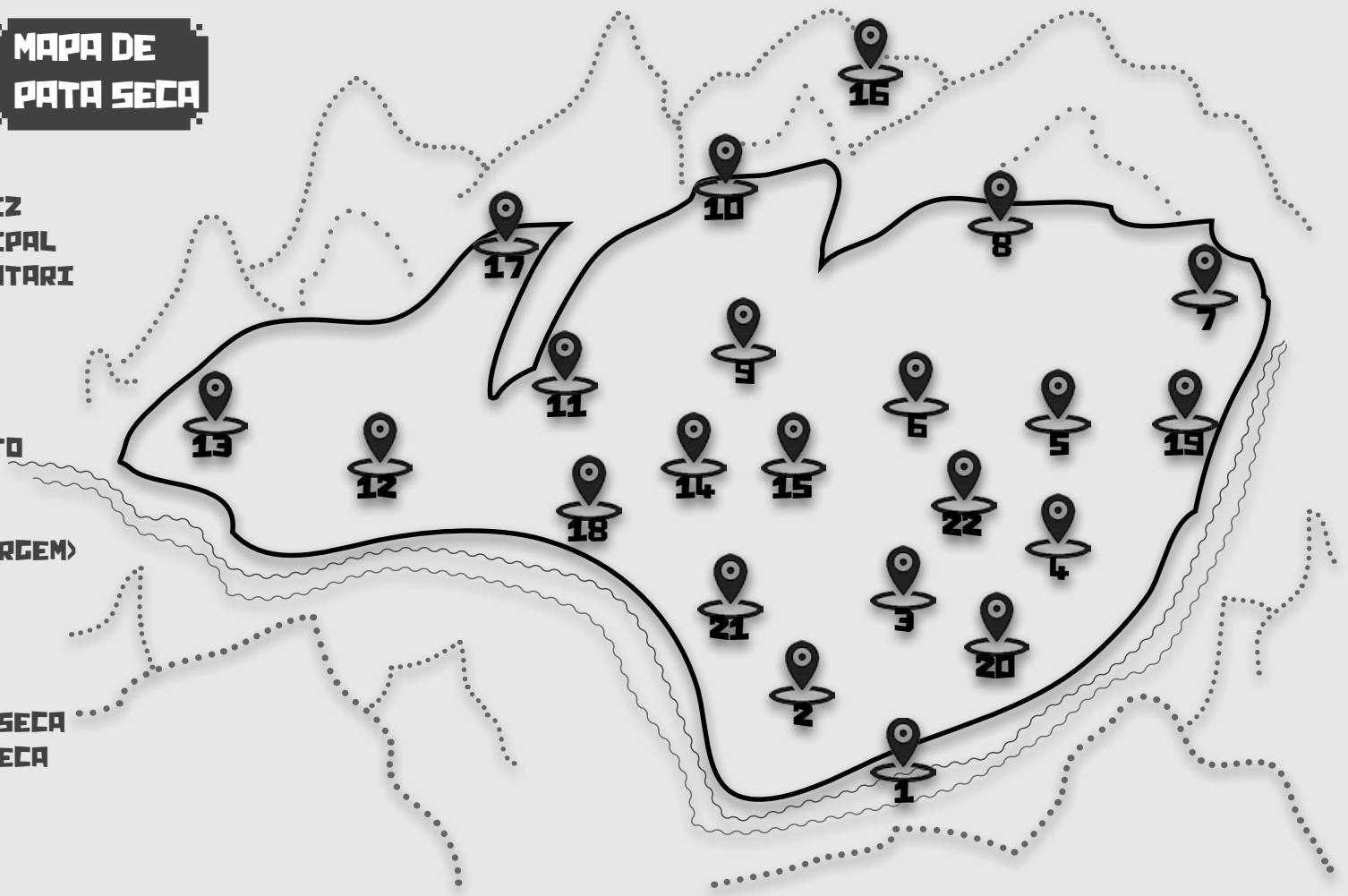
EDUARDO KAZE

O BARÃO DE PATA SECA

O assinante recebe todo mês uma nova edição, com marca-páginas onde estão relacionadas muitas interações exclusivas desta loucura em 12 capítulos que, esperamos, você participe.

MAPA DE PATA SECA

1 – RIO GRANDE
2 – ESPETUCCI
3 – ESCOLA
4 – BECO DA PIZZA
5 – CASA BARUEL
6 – PRAÇA DO CHAFARIZ
7 – O MERCADO MUNICIPAL
8 – CHÁCARA PINHO GATARI
9 – POLÍCIA
10 – CACHOEIRA
11 – BIBLIOTECA
12 – BIQUEIRA
13 – CASA MANOEL PINTO
14 – PREFEITURA
15 – IGREJA
16 – MIRANTE (MATA VIRGEM)
17 – CASA CLARICE
18 – TEATRO
19 – PUTEIRO
20 – PICO DO ROCK
21 – ESTÁTUA DE PATA SECA
22 – JORNAL DE PATA SECA



gonzo.alumy.com
facebook.com/grandesaventurasgonzo
instagram.com/grandesaventurasgonzo
youtube.com/redatoriagonzo

Gerações

Rainer Maria Rilke

Tradução de Amanda Timmen Mello

Na quinta-feira, nossos quartos cheiram a tomate, no domingo, a ganso assado, e toda segunda-feira é dia de lavar roupa. Assim são os dias: o vermelho, o gordo, o ensaboado. Além disso, há também os dias atrás da porta de vidro, ou, na verdade, um único dia, feito de frescor, seda e sândalo. A luz que passa por ela é limpa, delicada, prateada, serena; fuligem, tormenta, barulho e moscas não entram como em todos os outros cômodos. E ainda assim há apenas a porta de vidro no meio, mas ela é como vinte portões de ferro, ou como uma ponte sem fim, ou como um rio, com uma balsa instável indo de uma margem à outra.

Raramente alguém chega e reconhece, aos poucos, no entardecer profundo: acima do sofá, grandes, em molduras douradas, o avô, a avó. São retratos estreitos, ovais, mas ambos têm as mãos erguidas, por mais custoso que isso possa ter sido. Não teriam se tornado retratos sem essas mãos, por trás das quais viveram tranquila e modestamente ao longo de todos os dias. Essas mãos haviam tido vida e trabalho, saudade e preocupação, haviam sido corajosas e jovens e tornaram-se cansadas e velhas, enquanto eles mesmos eram apenas espectadores devotos e respeitosos desses destinos. Suas expressões permaneceram ociosas em algum lugar distante da vida e não tinham nada a fazer, a não ser se tornarem lentamente cada vez mais parecidas. E nas molduras douradas acima do sofá eles parecem irmãos. Mas então, de repente, suas mãos param em frente às roupas pretas de domingo e os traem.

Uma, severa, maltratada, indiferente, diz: "Isso é a vida". A outra, pálida, cuidadosa, repleta de ternura, diz: "Sete filhos – nossa!". E certa vez está lá o neto loiro, que ouve as mãos e pensa: "Esta mão é como o pai, e representa a dureza, as cicatrizes". E, diante da mão pálida, ele percebe: "Esta é como a mãe". A semelhança é grande; e o garoto sabe que os pais não gostam de se ver assim, por isso raramente entram na sala. Eles se ajustam aos quartos cheios de luz e ao decorrer dos dias por vezes vermelhos dos tomates, por outros úmidos do sabão. Porque isso é a vida. E permanece tudo estampado em seus traços, como outrora estivera nas mãos dos avós. Um par de mãos e nada além disso.

Atrás da porta de vidro há pensamentos estranhos. Os espelhos altos, foscos, repetem eternamente, como se precisassem aprender de cor: o avô, a avó. E os álbuns sobre a toalha de mesa de crochê estão cheios deles: avô, avó, avô, avó. É claro que as encantadoras cadeiras estão dispostas de forma cerimoniosa, como se tivessem sido recém-apresentadas umas às outras e trocassem agora as primeiras frases: "Muito prazer", ou: "Você pretende ficar muito tempo por aqui?", ou algo assim, educado. E então se calam completamente, dizendo ao mesmo tempo "com licença", quando a caixa de música começa: "Trililin...". E ela canta um minueto com sua voz fraca e fanada. A canção paira como uma onda sobre os objetos, depois infiltra-se nos muitos espelhos escuros e neles descansa como prata nos lagos.

Em um canto está o neto, como um quadro de van Dyck. Ele gostaria de ter um nome que pudesse ser cantado em uma caixinha de música, então, subitamente, tem um sentimento: não é a luta ou a doença, nem as preocupações ou o pão de cada dia, nem o dia de lavar roupa e nem tudo o mais que vive conosco lá fora, nos quartos estreitos. A vida real é como este "trililin"... Pode dar e receber, pode chamá-lo de mendigo ou de rei e torná-lo intenso ou triste, mas não pode contorcer o rosto de raiva ou de medo e também não pode – perdoe-me, vovô – também não pode tornar as mãos tão rígidas e feias como as suas.

Foi apenas um sentimento grande e sombrio do garoto. Como um pano de fundo, em frente ao qual outros pequenos pensamentos de criança permaneciam como soldadinhos de chumbo. Mas ele, de fato, o sentiu, e talvez o viva um dia.

Roteiro: Diego Aguiar Arte: Antonio Eder

"PARA QUEM ESTÁ DO LADO DE FORA, COMO PARA OS OTÁRIOS DE JOGO, AS MUITAS COINCIDÊNCIAS DO JOGO SÃO PREDESTINAÇÕES." JOÃO ANTÔNIO - MALAGUETA, PERUS E BACANAÇO

TUDO PARTE DO *UM*.

TODO DIA É ISSO, DEPOIS DO TRABALHO EU SOU ARRASTADO PRO JOGO DA *GEOMETRIA SAGRADA*.

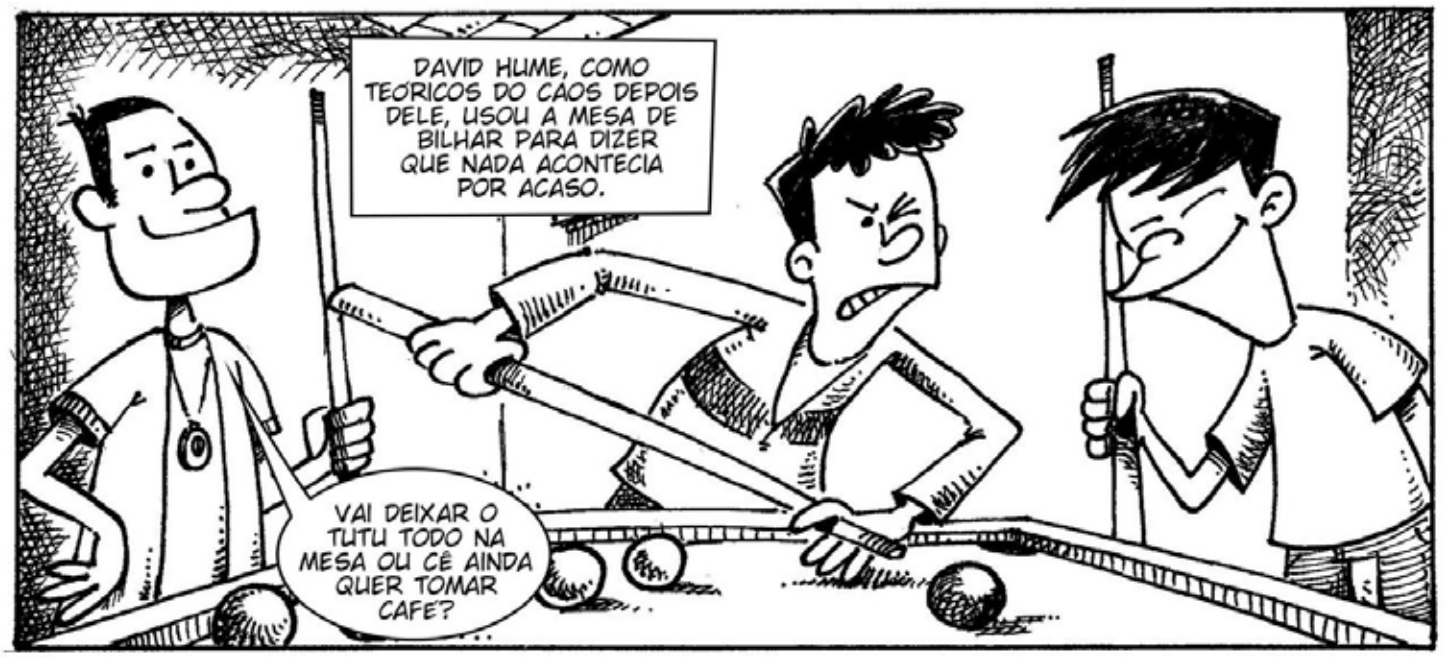
O Kafé da Qabalah Kuântica

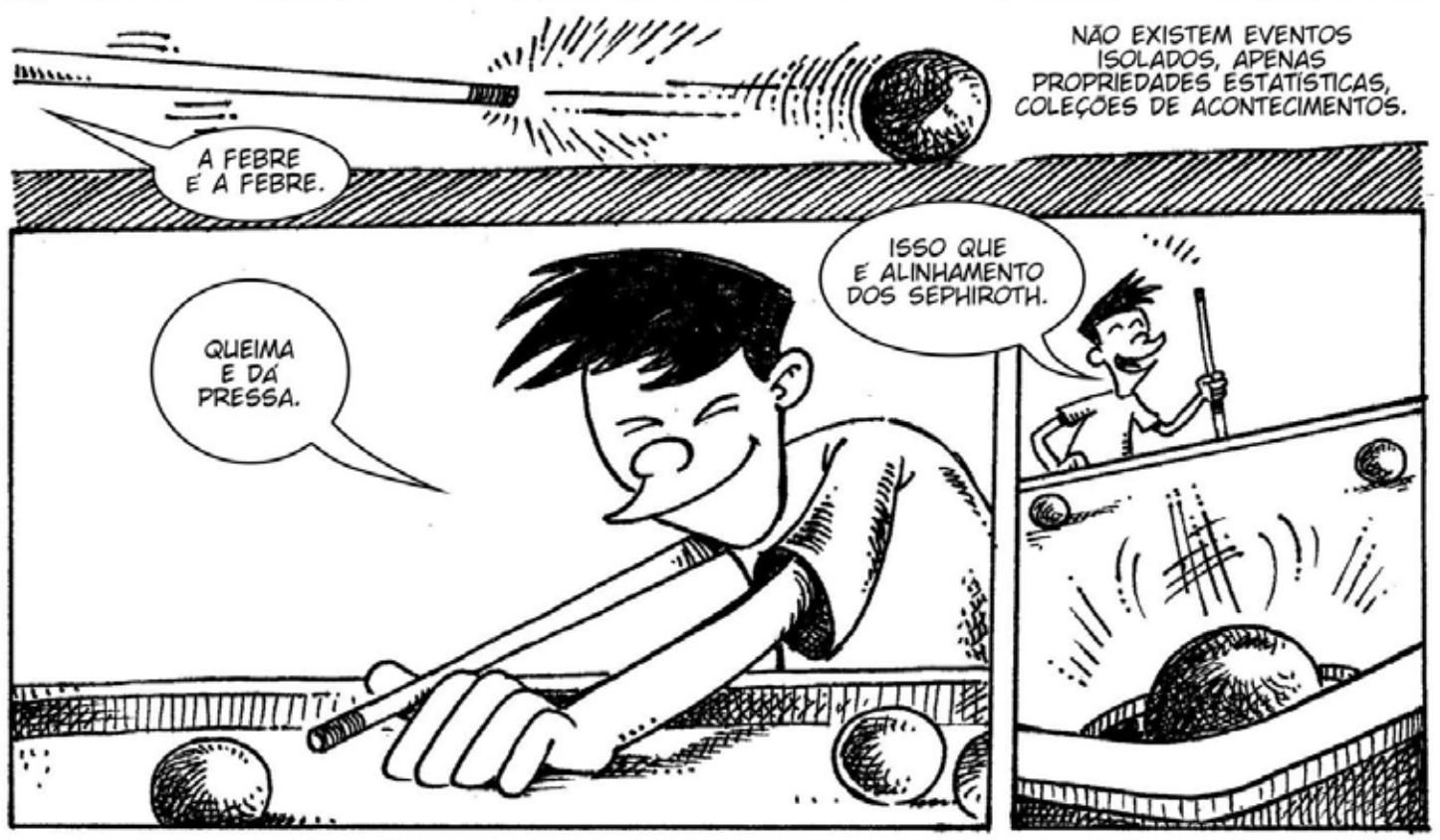
Roteiro e texto lento: Diego Aguiar Vieira

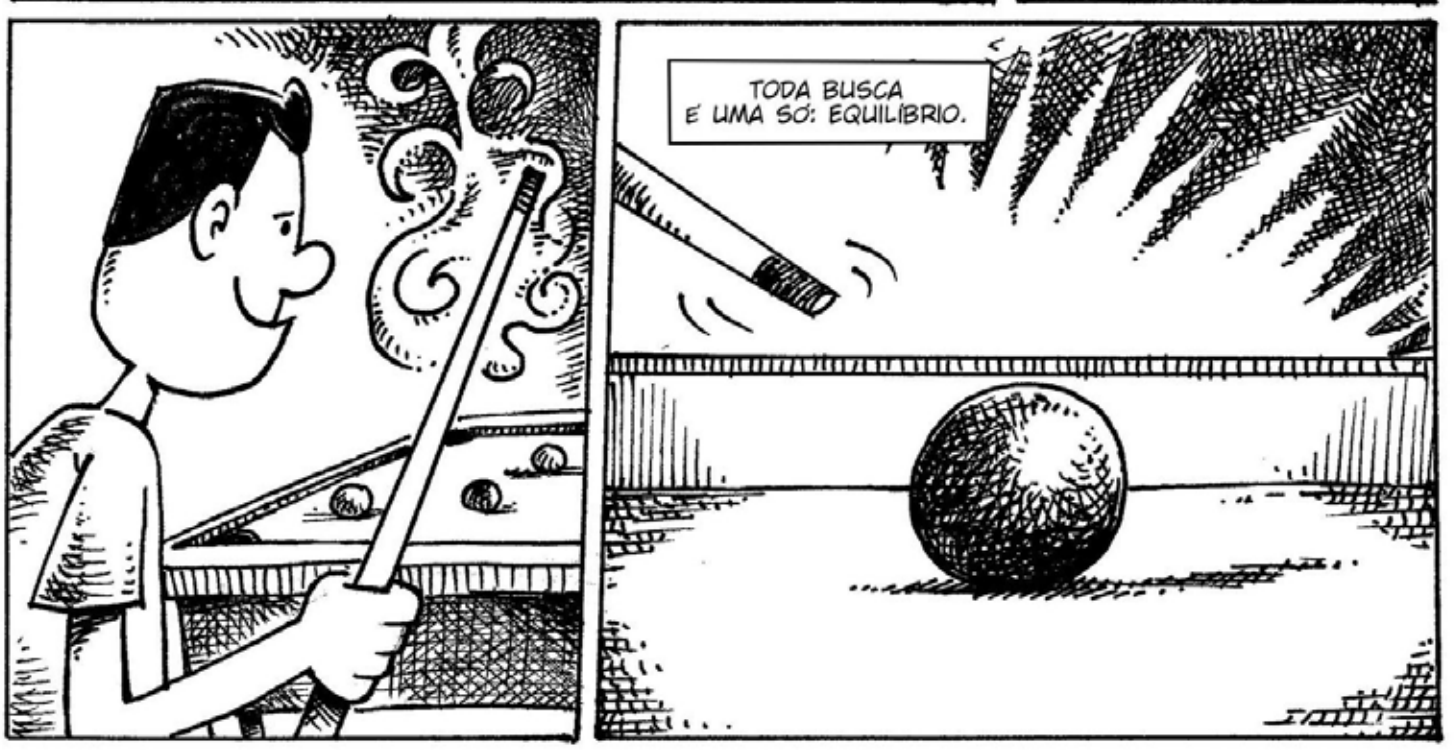
Arte e finalização cafeinada: Antonio Eder

NO *TOHU-VOHU* SE MANIFESTA *TZIM* E *TZUM*, CONTRAÇÃO E EXPANSÃO, GERANDO *AIN SOPH*.

DO ABSOLUTO AO RELATIVO, ESPIRAIS ABSOLUTAS SE MANIFESTAM. O DIVINO PRIMORDIAL.


DAVID HUME, COMO TEÓRICOS DO CAOS DEPOIS DELE, USOU A MESA DE BILHAR PARA DIZER QUE NADA ACONTECIA POR ACASO.
VAI DEIXAR O TUTU TODO NA MESA OU CÊ AINDA QUER TOMAR CAFÉ?


NÃO EXISTEM EVENTOS ISOLADOS, APENAS PROPRIEDADES ESTATÍSTICAS, COLEÇÕES DE ACONTECIMENTOS.
A FEBRE É A FEBRE.
QUEIMA E DÁ PRESSA.
ISSO QUE É ALINHAMENTO DOS SEPHIROTH.


TODA BUSCA É UMA SÓ: EQUILÍBRIO.

MESMO O MENOR FRAGMENTO DE DESORDEM FAZ PARTE DO SISTEMA.

A ENTROPIA, ISTO É, A MEDIDA DA DESORDEM, NUNCA DIMINUI.

O CAOS ESTÁ SEMPRE LÁ.

ASSIM COMO A ORDEM.

E É ASSIM QUE O ***ABSOLUTO*** SE APRESENTA, NAS PEQUENAS COISAS.

NA CAÇAPA!

E AÍ, SERÁ QUE AGORA ROLA DE CONSEGUIR UM CAFÉ POR AQUI?

FIM

Milena Martins Moura

cassandra

aguardo
com as palmas rubras
de roçar o fogo
e o Verbo atado atrás dos dentes

o frio há de chegar
com unhas roxas

e eu vou continuar roçando o fogo

antecipo despensa e veludo
as cheias do nilo
e a engorda das vacas

e eu vou continuar roçando o fogo

uma mulher que não se antecipa
é o oposto de uma cassandra em vigília
prevendo incêndios

por tudo isso eu sento aqui e raspo os dentes e os sentidos
no fogo

não me foi dado conhecer a frieza das madonas

por tudo isso eu antecipo o ferro
e forjo no fogo
as armaduras os escudos e as carniças

antecipo as alcunhas desonrosas
e o disfarce colérico dos medos

uma mulher com uma palavra a cuspir é a sarça no deserto
destilando pestes

uma mulher não se consome pelo fogo

Continue Voltando: histórias de recuperação
Lucas Jensen

Até onde vai a obsessão e compulsão humana? O livro de estreia do autor utiliza as narrativas orais, imortalizadas por Svetlana Aleksiévitch, para retratar a vida de 12 pessoas reais que lutam diariamente contra a adicção e dependência química. Em passagens poderosas e linguagem sem rodeios o leitor é posto em contato direto com uma realidade avassaladora que responde à pergunta: existe vida após o uso de drogas?

Impresso: ***R$46,77***
Digital: ***R$25,19***
clubedeautores.com.br/livro/continue-voltando

SEIS PERSONAGENS À PRO

Todo ano, após fazer aniversário, o **Jornal RelevO** promove uma peneira de personagens descartados, tentando negociá-los com empreendimentos que deles possam fazer uso — ou, simplesmente, buscando trocá-los por Ypióca prata e algum petisco salgado. Completados onze anos de existência, desprovido de amigos para servir de rosto e cansado de apanhar do próprio mascote, o Jornal toma a iniciativa de oferecer algumas de suas criações menos convincentes ao grande público, que não é grande e malemal é público, e a outros periódicos que possam fazer melhor uso do que dizemos ser criação.

1

Celsinho Kaizen, empreendedor místico: "A ideia de criar a primeira cerveja budista já estava em meu inconsciente", reforça Celsinho. "Eu apenas deixei fluir com o que flui no mundo, deixando que as minhas antenas receptivas trouxessem até mim aquilo que lancei como bom". No tempo histórico normal, Celsinho teve a ideia de uma cerveja zen em 2018, depois de se recuperar da Covid-19 — "sim, meu espírito se antecipou e capturou a Covid já em 2018". "Comecei a ouvir uns podcasts sobre Buda – um brother daora — e de repente fui me acalmando, pensando se não era o caso de parar com o Jogo do Bicho". Em sonho, o nome da cerveja veio como um rótulo gigante, branco como nuvem, que espumava saudável e eroticamente na ponta, uma mistura conceitual entre uma cerveja meia-boca e uma base da prática budista, tudo sob os ombros de um gigante de vidro. Estava criada a BudZazen ("porque Budweiser já tem"). Era, enfim, a Iluminação. "Quando era mais jovem, cheguei a atingir o Nirvana, mas sou mais um Pearl Jam", ele ri, desacompanhado. Celsinho KaiZen é hoje um dos mais bem-sucedidos empreendedores do Brasil decolonial. O fundador e principal acionista da rede de cervejas artesanais, cujo centro conceitual é o desapego ao eu-menor e o apego ao copo-maior, defende que a BudZaZen encontrou no caminho da manguaça e da meditação a chave para uma vida equilibrada — sendo uma cerveja pró-presença absoluta. "Nosso slogan é *keep karma*! Criativo, né? Curto essas *vibe*, zero espaço pra negatividade no meu dia". A partir de diversas análises de mercado e da opinião final de sua esposa, Celsinho chegou a uma cerveja que não é aguada, mas também não é amarga, nem forte, nem fraca. "Uma cerveja como o Caminho do Meio, chavosa, segundo os *podcasts*". Celsinho foi atrás de uma comunidade budista de Curitiba para buscar conselhos de marketing e financiamento, mas acabou alvejado por um monge, que declarou "aqui ninguém tem sangue de barata".

2

Karina Falafel, a candidata em defesa do shawarma: "Eu não aguentava mais a falsa polêmica *bolacha x biscoito*", recorda a jovem ativista Karina Falafel, 25, atualmente a maior representante da Bancada do Shawarma no Brasil. "Em vez de debates vazios, escrevi uma proposta para a Câmara de Botucatu que permite grafar tanto 'shawarma' como 'churrasco grego' como 'kebab'!", conta, orgulhosa de seu espírito olímpico e do início de sua carreira política. A trajetória de Karina com o fabuloso lanche do Oriente Médio começou aos 16 anos, quando passou a ir a bares noturnos e a votar em domingos diurnos. "Eu saía da noite extremamente esfomeada. Nada matava minha fome. Até que descobri o… shawarma. Foi mágico. Elegi não apenas como meu alimento preferido, mas como uma filosofia, por isso escolhi a Alemanha como destino no meu intercâmbio. Lá, por acidente, também acabei aprendendo sobre política", emociona-se. "Na minha primeira *selfie* votando, eu estava com a camiseta *Lute pelo seu shawarma*. Viralizei". Terceira maior votação das eleições de 2020, com 1.934 votos, bem situada entre os edis Erika da Liga do Bem e Curumim, Karina já protocolou importantes projetos em prol da categoria, como a instauração de uma Praça do Shawarma, o Dia Nacional do Shawarma e a transformação do estabelecimento Arib Shawarma em patrimônio histórico da cidade. "Shawarma é um *mood*: lobistas do *hot dog* não passarão". Recentemente, porém, ela se envolveu em uma confusão nas redes sociais ao criticar publicamente o uso de catupiry em uma receita da iguaria. "A CPI do Molho de Alho pretende esclarecer tudo", alega. "Daqui a pouco vão fabricar pizza de shawarma!", revolta-se. Perguntada sobre o motivo de tudo isso, Karina se incomoda, mas responde de modo enfático: "eu apenas gosto muito de shawarma".

OCURA DE OUTRO JORNAL

3 **Hilário Mancada, humorista estritamente profissional:** "Posso encher um teatro de risadas, mas eu odeio humor; odeio meu nome; odeio meus pais. Eles me forçavam a fazer piadas. Quando eu tinha seis anos, me colocaram em um concurso de talentos. Fiz *stand-up comedy*, e obviamente não ganhei o concurso. Acho que ninguém sabia o que era *stand-up comedy* na época. Meus pais me forçaram a estudar todos os caminhos do riso. Diziam que eu tinha predileção, e aparentemente tinham razão nisso. Aos 15 anos eu me apresentava em festas adolescentes. Na hora de prestar vestibular, queria Direito ou Medicina, mas meus pais me obrigaram a continuar no humor. Ao menos àquela altura eu já conseguia me sustentar praticamente sozinho. A partir disso, comecei a odiar qualquer manifestação humorística. Hoje, sou completamente miserável espiritualmente e reprimo todo impulso de alegria que hora ou outra ascende sobre mim. Para sabotar eventuais sopros de vida, estou cursando a autoescola pela oitava vez e estudando para concursos que sequer prestarei, até porque não posso abrir mão da minha agenda de shows pelo Brasil. As pessoas — amigos não, porque não tenho amigos — olham para mim e dizem que queriam ter o meu dom. Eu não tenho nada além do vazio absoluto. Esses dias ouvi falar da Yoga do Riso e tentei me matar com o microfone do palco. Infelizmente, por conta do meu dom, ninguém percebeu e a cena toda foi muito engraçada. Quando vi *Patch Adams*, matei três crianças".

4 **Amyr Click:** noites sem dormir, tendinite, pratos acumulados na cabeceira da cama, pesquisas como "qual a mão certa do relógio?" e muuuuito videogame são alguns dos desafios do jovem Amyr Click, paulistano com sotaque de imitação de paulistano do Hermes & Renato. Em breve, a produtora Don't Do It lançará o *teaser* dessa história de superação do sujeito que, dotado de uma cadeira *gamer*, quatro monitores e cerca de 314 Big Tasty, navegou a internet inteira sem sair do lugar.

5 **Academia Pôncio Pilates vs. Julinho, Atleta de Cristo:** todo mundo já pensou na piada Pilatos/Pilates, mas quem é que realmente abriu uma clínica de tortura disfarçada de academia? "Daqui você sai pregado", salienta Christian Romano, um dos sócios da empresa, fundada em 2016 (d.C.). Recentemente, o empreendimento passou por um reposicionamento de marca em virtude da sociedade desfeita com Julinho "Judas" Carmona. Este se assumiu como Atleta de Cristo. "Não, você não entendeu. Eu realmente sou agenciado por Jesus Cristo, que me dá dicas mentais de como proceder em campo e de como administrar minha carreira", alega o futebolista, aconselhado por ninguém menos que Ele a defender as cores do Figueirense.

6 **Ferreira Gulag:** Já dizia Tom Jobim que, em casa de Ferreira, o espeto é de pau e pedra. Nesse caso, também é o fim do caminho. Ferreira Gulag, autor de *Um pouco acima do chão [do Gulag]; A luta corporal [perdida no Gulag]; Muitas vozes [silenciadas no Gulag]; História de um valente [morto no Gulag]* e *Barulhos [do Gulag]*, excita-se com a poesia especificamente criada em campos de concentração, nos quais ele mesmo se voluntariou para o trabalho forçado. "Ahhhhh, a poesiaaaa…. o ser poético…. a metafísica da incompletude me goza me torna me completa a tarefa do mecanicismo latente, pujante, da gente que louva num canto arfante como nossa poesia merece a MORTE, A MORTE mercante!" (GULAG, Ferreira, 2021, in: *Sarau Pogrom de Osasco: uma bio para quem sobreviveu*).

E N C L A V Ǝ

a newsletter semanal do Jornal **RelevO**

Assine e receba de graça em seu e-mail:
<https://jornalrelevo.com/enclave>

Dr. Roni e Mr. Quito

Uma parte significativa do cânone artístico brasileiro foi produzida entre as décadas de 1950 e 1970, golpes e "milagres econômicos" concomitantes. Por sua vez, grande parte desse cânone foi produzida em um espaço geográfico bem delimitado: **a zona sul da cidade do Rio de Janeiro** (que, convém lembrar, foi a capital do Brasil até 1960).

Antes da comunicação digital e num Rio já segregado, mas ainda não tão populoso, nada mais natural que todo mundo se encontrasse em algum bar no fim da tarde pra tomar um chope porque, afinal, você está no Rio de Janeiro.

E é, de fato, o que acontecia: numa espécie de *Friends* da bossa nova, era bastante provável encontrar num bar como o Antonio's, num *happy hour* de quinta ou sexta-feira, figuras como **Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Otto Lara Resende** e **Paulo Mendes Campos** batendo ponto.

Um dos baluartes dessa boemia carioca dos bons tempos é uma figura que ficou menos conhecida que os artistas produtivos do entorno, mas que certamente deve tê-los inspirado (ou provocado, ao menos) com sua erudição e sua natureza absolutamente caótica: Ronald Russell Wallace de Chevalier, o **Roniquito**.

Economista de formação e talvez um dos intelectuais mais brilhantes de uma geração, Roniquito coleciona anedotas e é conhecido pela natureza dual expressada na comparação com o médico e o monstro de Stevenson: sóbrio, era **Dr. Roni**, um homem muito culto e gentilíssimo. Uma ou duas doses depois – e a biografia póstuma, mesmo comumente aliviando pro lado do alcoolista, dá conta de que ele bebia muito e todo dia –, transformava-se em **Mr. Quito**.

Daí em diante, era na base do berro: Roniquito apontava o queixo para alguma vítima incauta e abria fogo, ácido, um agente do caos, a voz embriagada no coro da tragédia carioca. Para **Fernando Sabino**, de certa feita, perguntou quem ele achava que fosse melhor: Sabino ou Nelson Rodrigues.

Sabino, querendo escapar de qualquer discussão, logo respondeu que Rodrigues era muito melhor que ele, naturalmente, ao que Roniquito respondeu: "Larga de ser bobo, Fernando. Quem é você para julgar Nelson Rodrigues?".

Como bêbado, também apanhou muito. Outra de suas histórias é a de estar apanhando de um brutamontes que, em cima dele caído, perguntou "Basta ou quer mais?" e recebeu a resposta "É claro que basta, imbecil!".

Pelas anedotas, dá pra pensar que ele era só um bebum mala como os que frequentavam o finado Condor Bar e Lanches com o pessoal do **RelevO**. A diferença é que Roniquito leu tudo no original e sabia demais, embora não tenha escrito nada (ou talvez justamente por isso).

Paulo Francis, um de seus célebres amigos, conjectura que, talvez, uma pessoa com tanto talento e instrução passar a vida enchendo o rabo de álcool e criando situações das quais poderia sair muito injuriado fisicamente fosse uma viração de mesa desejada, em algum nível, por toda a *intelligentsia* brasileira: "nosso horror é de tal ordem de vulgaridade que uma resposta vulgar de baderneiro seja mais adequada que 'análises'."

Roniquito trabalhou no Cepal, no BNH (onde não conseguiu se efetivar porque, em sua banca, demonstrou que a instituição iria falir em 15 anos se o modelo não fosse revisto; o tempo passou e o BNH continua vivo apenas na letra de uma música do Charlie Brown Jr.) e na Rede Globo, onde foi assessor de **Walter Clark** e cunhou a expressão *aspone* (uma sigla para 'assessor de porra nenhuma').

Contundente e meio mala, Roniquito não passou incólume pela repressão do período ditatorial, mas conta-se que, bêbado, ele era tão eloquente que, certa vez, levado à 13ª DP, foi liberado mais rápido porque, além da ajuda de um tio, o delegado não aguentava mais seu discurso inflamado. Foi conselheiro de **Carlos Lacerda** e de **Mário Henrique Simonsen**, não sem antes debochar deles, o que fez com que fossem grandes amigos.

Na biografia escrita por sua irmã, Scarlet Moon de Chevalier, dedicada ao pessoal da comunidade do Orkut 'Roniquito vive!', outras tantas histórias e nomes dão corpo à lenda. Roniquito morreu em 1983, aos 46 anos, após alguns meses debilitado fisicamente por ter sido atropelado no caminho entre um bar e outro.

Algumas cirurgias depois, ele ainda se reuniu com arquitetos e urbanistas para reclamar da localização do Antonio's, onde não conseguia entrar de cadeira de rodas: fosse do outro lado da rua, ele não teria sido atropelado.

Marcos Vasconcellos, Roniquito Chevalier, Nelson Motta, Chico Buarque e Lucio Rangel. Foto/Arquivo Notibras.

Baga Defente

Cosmic Zeugma

pássaros amarelos sobre a
estufa úmida

resquícios de chuva gotejando
sob o toldo onde se lê

"o amor é a solução para tudo"

a mente vaga pelo sangue

um coração se desfaz na fumaça

o instante é um momento favorável

uma roda de doze raios & a
dissolução total do Ovo Cósmico

o Universo em si é vazio de realidade

lá em casa, todo dia
anoitece com três sóis

toda Forma que se manifesta no Tempo
é ontologicamente irreal
cachaça com mel a cabrita Rita & as
dinâmicas sociais do campo

a paradoxal dialética do sagrado

o poder comunitário do fogo

vivo na vela que o vento não sopra

Vishnu dormindo sobre a superfície do
Oceano Primordial

mariposa morta no armário

a Vida é um grande espelho
terra de destino utópico onde

as estruturas mentais se transformam
causando uma ruptura ontológica

no Grande Drama Cósmico

pequena gata preta se
lambendo sob o sol

cobra que devora o Tempo

a não-realidade do instante presente

criação destruição &
o caráter cíclico

do tempo universal — 311 bilhões de anos
a duração de um deus a
apoteose da disgrama

o mundo histórico dura

o espaço de um instante

poemas iconoclastas não
vivem em adoração

a depreciação metafísica do Tempo em
sua luta contra a Memória

nas Grandes Noites Cósmicas

o relâmpago carrega a Verdade no
instante atemporal

que precede a Cosmogonia

o Tempo avança &
destrói o Mundo

observo o terceiro sol se
pondo no concreto

penso na tua presença tardia

o gato nu lambe sua cauda

o zeugma é uma elipse de supressão
mariposa seca sobre a mesa:

é preciso amar
os mistérios do dia a dia.

Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria sergarantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse
flaviosanso.com

Ericka Devillart

TROPICÁLIA OU PANIS ET CIRCENCIS: A BARROCA EXPRESSÃO DA MÚSICA BRASILEIRA NO REGIME MILITAR

Para este ensaio, peço permissão para fatorar as múltiplas existências do momento histórico-cultural que chamamos de barroco, abstraindo, inclusive, as diferenças entre o movimento nas artes visuais e na literatura. O resultado desse processo, um *zeitgeist* generalizado, permite reconhecer, no disco-manifesto *Tropicália ou Panis et Circencis*, expressões de características semelhantes ao movimento barroco, como resposta ao contexto que o Brasil vivia naquele período pré ato-inconstitucional nº5. Inspirado no texto A Gaia Ciência, do José Wisnik e, principalmente, na passagem sobre a definição que o cantor e compositor Caetano Veloso dá sobre a Bossa Nova e sobre o Tropicalismo, pretendo apontar, no emblema do movimento tropicalista, a essência barroca.

Caetano, de acordo com o Wisnik, definiu a Bossa Nova como "otimismo trágico", o que faz sentido, considerando seu contexto histórico-social kubitschekiano, patrocinado pela promessa desenvolvimentista da economia brasileira e de seu custo de vida — cumprida, na verdade, com o aumento da dívida externa e interna brasileira. A vida pintada pela Bossa Nova era admirada pelo mundo inteiro e seu sofisticado canto intimista refletia o estado de espírito que esse progresso aparente prometia, assim como refletia a harmonia para qual o país parecia estar caminhando. Em contrapartida, o movimento legitimamente brasileiro que o sucedia foi descrito, pelo compositor, como "pessimismo alegre". "Uma descida aos infernos reais", o Brasil, um decênio após da efervescência da Bossa Nova, se viu tendo que finalmente usar a sabedoria bossa-novista herdada para fins muito específicos. Wisnik pertinentemente menciona que esse otimismo pertencente ao movimento só é inteiramente compreendido se considerarmos a existência complementar do pessimismo tropicalista — assim como o barroco encontra sua ênfase existindo entre dois movimentos de cunho classicista no que diz respeito à rigidez e à objetividade. E, partindo dessa orientação "especial", que ouso a comparar o pessimismo alegre do movimento tropicalista, ou melhor, de seu fruto, o álbum *Tropicália ou Panis et Circencis* à existência cultural barroca.

A começar pelo cenário: o Brasil na segunda metade da década de 1960 já vivia por uma crise antropológica causada pelo regime militar, apesar da expansão da economia brasileira. O clima era de tensão, medo e, consequentemente, de cuidado também. Já a Europa entre o final do século 16 e final do século 17 sofreu suas próprias crises, sejam elas sociais, políticas, econômicas e, principalmente, religiosas. E de mesmo modo, causou, por consequência, um cenário de instabilidade e de um sentimento de angústia que se refletia em sua produção artística. Conhece-se, assim, do barroco sua dramaticidade, seu exagero e seus paradoxos existenciais — características essas que podem ser identificadas na obra fonográfica idealizada pelo Caetano e seu parceiro, também de origem baiana, Gilberto Gil. A proposta dos dois artistas era de fazer aquilo que os Beatles haviam feito no ano anterior, no seu icônico *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, misturado a algo mais regional, como, por exemplo, a Banda de Pífanos de Caruaru. Era declaradamente um processo de antropofagia patrocinado pelo sincretismo cultural que tinha ocorrido em 1967, e observar isso é observar também uma espécie de antítese. Por si só, o álbum é uma mistura de conceitos e estéticas, em diversos níveis.

Lembrando que, histórica e culturalmente, o *Panis et Circencis* se entende como o carro abre-alas da entendida Música Popular Brasileira. Essa era a proposta da dupla Caetano & Gil e é bem executada ao misturar sons de órgão eclesiástico — que, inclusive, abre o álbum —, cavaquinho, arranjos de música clássica, instrumentos de banda marcial, guitarra, sons de plateia ou público, ritmos típicos da América Latina e até mesmo sons de objetos, como canhão, talheres, entre outros. A pluralidade sonora, fazendo jus à multiplicidade cultural do Brasil, configura as inúmeras antíteses que o álbum possui e, com isso, tenta cumprir a proposta de construir uma identidade musical popular e acessível à sociedade brasileira naquele momento. E faz isso não apenas sonoramente: suas letras contêm denúncias e retratos de vivências oriundas de um Brasil trágico e nem um pouco otimista, mas, que mesmo assim, tenta se expressar de forma alegre. Letras de músicas, como "Miserere Nobis", "Lindonéia", "Parque Industrial", "Enquanto Seu Lobo Não Vem" e "Mamãe Coragem", possuem denúncias referentes à violência — nota-se uma frequente menção ao sangue —, à perseguição, à migração, ao avanço industrial, à modernização e a influência norte-americana na política e economia nacional. Questões culturais presentes na realidade brasileira são retratadas em músicas como "Geleia Geral", "Baby", 'Três Caravelas" e até mesmo "Bat Macumba" — não esquecendo que a letra se constrói visualmente, na verdade, como a letra K, configurando-se uma composição concretista —, relatando, respectivamente, a diversidade cultural do Brasil; a necessidade de estar em informado ao que está acontecendo; a construção identitária nacional — apontando, inclusive, da forte presença de religiões de matrizes africanas — e, para além disso, o reconhecimento da globalização, nos alertando que é necessário que saibamos inglês, por exemplo.

Uma terceira forma de antítese presente neste trabalho é das músicas individualmente. Ora essa, onde já se viu retratar o desaparecimento de uma cidadã de forma tão calma e graciosa como Nara Leão, elemento bossa-novista do álbum, canta? A faixa "Lindonéia" carrega o arranjo de Rogério Duprat, cuja formação clássica sustenta várias das músicas do álbum — nota-se, então, até mesmo nos integrantes do disco, uma antítese quase que estrutural de sua existência —, e para essa, torna-se cúmplice de um retrato tão cínico à denúncia da música: "despedaçados, atropelados/ cachorros mortos nas ruas/policiais vigiando/o sol batendo nas frutas/

sangrando/ai, meu amor!/a solidão vai me matar de dor" e sempre lembrando: "Lindonéia, desaparecida". É de extrema relevância considerar que essa música foi inspirada em uma obra do artista Rubens Gerchman, um retrato de uma mulher cujas sombras marcando partes de seu rosto, além do formato assimétrico do mesmo, sugerem marcas de agressão — acompanhadas das seguintes legendas "um amor impossível" e "a bela Lindonéia de 18 anos morreu instantaneamente". Essa foi a realidade de muitos jovens naquele período, onde "desaparecimento" era uma definição comum para o que realmente acontecia com eles. Porém, na colaboração Nara-Rogério o relato não parecia tão grave, mesmo com a letra-denúncia de Caetano — porque era essa a proposta da sabedoria típica tropicalista: convencer do oposto. Outros exemplos de conflitos de sentido entre letra e melodia são as músicas "Miserere Nobis", "Panis et Circenses" e "Parque Industrial".

Outra dimensão barroca encontrada no *Tropicália* é a dramaticidade estética das músicas. "Baby" é o maior exemplo delas. Orquestrada por Duprat e cantada por Gal Costa — que se tornará, se me permite dizer, a primeira diva pop brasileira —, entrega em seu arranjo, principalmente em contraposição ao canto doce de Gal, o que só poderia ser chamado de expressão barroca pela extravagância de sua complexidade. "Coração Materno", original de Vicente Celestino, é outra de tamanha dramaticidade — inclusive até mais que a versão do próprio Celestino — que ouso a fazer a mesma consideração. O mesmo serve para "Enquanto Seu Lobo Não Vem", cuja orquestração aparentemente sorrateira, em conjunto à sugestão contida na letra, oferece uma climatização subversiva.

Como sugerido, observar os artistas que participaram do disco é ter o primeiro contato, a impressão da "geleia geral" a qual ele se configura, e melhor, se estrutura. Entre bossa-novistas e suas inspirações, roqueiros psicodélicos com influências do rock experimental e maestro de formação erudita, o álbum tinha de tudo para ser um manifesto não só em busca da identidade nacional acessível que carecia naquele momento de vazio cultural, principalmente no âmbito da música, mas de uma expressão que refletisse as angústias e as vivências de um país em crise social. Era importante uma nova ordem e que funcionasse como instrumento da cultura de massa, assim como a qual mundo já estava vivendo desde o período pós-guerra. Se é verdade a máxima de que é na crise que ocorrem as invenções, a Tropicália é um exemplo contemporâneo disso. Já o entendimento de sua expressão barroca, parte da declaração do professor Rodrigo Espinha Baeta, que, sobre o barroco, retirada do capítulo "Crise e Persuasão" de seu livro *Teoria do Barroco*, assevera: "os próprios acontecimentos trágicos a que a sociedade estava submetida (...) eram basicamente elementos barrocos, indissociáveis da concepção e da produção da arte". Ou seja, a crise, por si só, é barroca. E se me permite continuar, ainda pelo Baeta: "toda dimensão cultural estaria, consequentemente, conectada a crise que se estabeleceu". Em uma lógica silogística, a tropicália (ou P*anis et Circencis*) é, por ser uma invenção originária de uma crise, um fruto barroco.

Referências

BAETA, Rodrigo Espinha. Crise e Persuasão. In: **Teoria do Barroco**. Bahia: EDUFBA, 2012. pp. 87-117.

HAUSER, Arnold. O Conceito de Barroco. In: **História Social da Arte e da Literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. pp. 442-453

VÁRIOS ARTISTAS. **Tropicália ou Panis et Circencis**. Direção artística: Manoel Barenbein. São Paulo: Philips Records, 1968. 1 disco sonoro (38min38s)

WISNIK, José Miguel. A Gaia Ciência: literatura e música popular no Brasil. In: **Sem Receita: Ensaios e canções**. São Paulo: Publifolha, 2004. pp. 25-42.

AS LÂMINAS VERBAIS DE VIRIATO GASPAR

Ricardo Leão

Tratarei agora de uma das vozes mais poderosas e distintas da poesia contemporânea maranhense, que me atraiu atenção e fascínio desde o seu primeiro livro. Refiro-me ao poeta Viriato Gaspar, dono de uma dicção singular que, desde 1984, quando publicou *Manhã portátil*, seu primeiro livro de poemas, foi auspiciosamente recebido pelo melhor da crítica à época. Neste livro, que despertou o meu interesse ainda quando adolescente, na distante São Luís de 1985, encontrei um poeta senhor de uma técnica invejável, de uma espontaneidade vocabular e metafórica muito peculiar, cultivador de um engenho poético definitivo à feição da tradição maranhense do verso que remonta, como um de seus mais legítimos herdeiros, na linha do tempo, às líricas poderosas de Teófilo Dias e Maranhão Sobrinho, e que em tempos mais recentes familiariza-se com a poesia dos modernos maranhenses Nauro Machado, Ferreira Gullar, Bandeira Tribuzi e o paraibano de nascimento, mas naturalizado maranhense, José Chagas. De todos esses, Viriato Gaspar herda o artesanato verbal, o esforço consciente de criar poesia da mais moderna envergadura com os instrumentos do clássico e do moderno ao mesmo tempo, desprezando os vanguardismos vazios e retóricos que resvalam em ressentimento contra o verso tradicional, com metro e rima, recursos expressivos por meio dos quais o poeta, desde *Manhã portátil* (1984), *Onipresença* (1986), *A lâmina do grito* (1988) e *Sáfara safra* (1986), exprime-me como poucos. Sem falar nos inéditos e versões completas de livros já lançados (é o caso de *Onipresença*, que foi premiado com uma versão incompleta), que em breve estarão disponíveis ao público.

Cabe, talvez, aqui uma pequena anedota. Certa vez, em visita ao extinto SIOGE (Serviço de Imprensa e Obras Gráficas do Estado do Maranhão), um verdadeiro centro editorial da cultura maranhense de então, através não apenas do Plano Editorial Gonçalves Dias, encontrei, entre outras figuras do cenário literário da época, Nauro Machado. Sobre uma mesa estavam exibidos os últimos títulos do Plano Editorial, entre os quais *Manhã portátil*, de Viriato. Eu, ainda na aurora de meus experimentos verbais, vi o Nauro tomar o exemplar de *Manhã portátil* nas mãos, folheá-lo com paciência e atenção, e, após alguns longos minutos de silêncio, fez um muxoxo com os lábios, e declarou em voz alta para mim, ao seu lado: "É, isso sim é que é poesia."

Foi o que bastou para mim, ávido leitor de Nauro, para adquirir um exemplar de *Manhã portátil*, e lê-lo por dias, meses e anos a fio, sem parar. Com efeito, havia encontrado naquela reunião de poemas, a atestar a acuidade irretocável do juízo literário e crítico de Nauro, um poeta de primeiro time, daqueles que nos convidam, desde o primeiro poema, a uma jornada de inesgotáveis prazeres estéticos com versos que são, a meu ver, uma das mais belas e significativas contribuições do século 20 ao acervo literário do Maranhão, um estado que não cessa, em sua usina inexaurível de palavras e de talentos artísticos, de gestar poetas de uma grandeza inquestionável e arrebatadora. Pois arrebatadores são os poemas de *Manhã portátil*, desde os primeiros versos do alentado *Índice*:

o homem é a matéria do meu canto,
qualquer que seja a cor do que ele sente.
e não importa o motivo do seu pranto,
é um homem, meu irmão, e estou doente

de sua dor, e é meu o seu espanto
do mundo e desta hora incongruentes.
na trincheira do verbo me levanto
contra o que contra o homem se intente.

o homem é o objeto e o objetivo
de quanto sei cantar, e o canto é tudo
que pode me explicar porque estou vivo.

às vezes sou ateu, noutras sou crente,
em outras sou rebelde, em algumas mudo:
- sou homem, e canto o homem no presente.

Um poema muito sensível e humano, de um livro muito sensível e humano, muito apropriado aos tempos de ferro dos últimos anos no mundo e no Brasil. O talento poético de Viriato, no entanto, tem uma longa história, que não começa de *Manhã portátil* em diante. Pertencente a uma geração profícua e extremamente talentosa, talvez a mais fecunda e robusta após a geração de Nauro Machado e companhia, a poesia de Viriato foi fertilizada no leito do vigoroso caudal da tradição literária maranhense. Seu nome alinha-se aos de outros poetas surgidos no período, como Chagas Val, Valdelino Cécio, Luís Augusto Cassas, Raimundo Fontenele, Francisco Tribuzi, Rossini Corrêa, e, na música, César Teixeira, Sérgio Habibe, Josias Sobrinho, Giordano Mochel Filho, entre outros talentos que, juntos, formaram a atmosfera cultural da ilha de São Luís durante as décadas de 1970 a 1990, na qual poetas mais jovens, como eu, fomos nutridos por lufadas de uma poderosa cultura verbal e musical, sem contar com as obras dos grandes nomes já citados: Gullar, Tribuzi, Chagas, Nauro. Neste sentido, em termos históricos, Viriato inscreve-se num cenário muito inventivo, do qual irá provir o grupo de poetas mais representativo do período, que, desde o Liceu Maranhense, quando ainda secundaristas, começaram a agitar o cenário local criando grupos e, em decorrência disso, mais tarde, o movimento *Antroponáutica*, fundado ainda nas dependências do Liceu, num dia de domingo. Em 1972, publicam juntos uma antologia batizada com o nome do movimento, e depois a antologia *Hora de guarnicê*, publicada em 1975, sob o selo editorial da José Olympio, adicionados os nomes de João Alexandre Júnior e Rossini Corrêa, entre outros. Com estes dois feitos, surge um dos mais criativos e vigorosos grupos literários da poesia contemporânea maranhense, que, desde então, vem publicando sucessivamente.

No entanto, o projeto estético de Viriato Gaspar distingue-se, sob muitos aspectos, dos demais poetas do grupo. Afeiçoado aos instrumentos tradicionais do verso, como o metro, ritmo e a rima, Viriato tem sido um dos raros poetas maranhenses que, com a convicção de que a iconoclastia não é um caminho necessariamente inexaurível e criativo à toda prova, resolve adotar uma dicção que retorna, sobretudo na esteira verbal de Nauro e Chagas, ao cultivo dos recursos expressivos que sempre caracterizaram a construção arquitetônica da arte poética da palavra, sem desprezar, no entanto, os recursos expressivos desenvolvidos ao longo da modernidade. Neste sentido, Viriato construiu uma trajetória poética e literária que se afasta do intenso e, por vezes, vazio prosaísmo que tem caracterizado o discurso poético dos poetas dos últimos 40 anos, particularmente à entrada do século 21, em que se tornou praticamente um tabu velado ou explícito o ato de escrever sonetos, utilizar o rimário opulento da língua portuguesa, e adotar a métrica, além de outros recursos, como instrumentos do artesanato verbal da poesia.

Com efeito, Viriato recusou-se à crença algo dogmática de que a beleza irredutível da palavra só pode ser alcançada se o poeta desprezar por completo e para sempre o soneto, entre outras formas fixas, o metro e a rima. Em todos os livros publicados até hoje, Viriato Gaspar tem se mantido fiel a uma dicção bem peculiar, na qual os instrumentos do moderno aliam-se às forças da tradição, no cultivo de versos em que a força metafórica explode por meio de coerções que ampliam o poder expressivo da palavra, condicionado à arquitetônica da rima e do metro, como em *Prefácio*, dedicado a outro mestre do verso tradicional, José Chagas:

Para que o mundo não pesasse tanto
nem me doesse tão profundamente,
era preciso que não houvesse pranto
ou que meu coração fosse dormente.

Para que a vida me fosse tranquila
(não esse pantanal que a vida medra
e onde a própria existência se aniquila),
era preciso que eu fosse de pedra.

Mas como eu não sou cego, surdo ou mudo,
e a vida e o mundo, a hora e o homem, tudo
me pesa com sua crosta de agonia,

ergo meu canto como uma trincheira,
sabendo-o parco, mas sentindo inteira
a dor de cada um, que a minha expia.

Ou mesmo na força vocabular do *Soneto 19*, de *A lâmina do grito*, no qual Viriato demonstra a perfeita consciência da lição assimilada em *As flores do mal*, de Baudelaire, a qual consiste em demonstrar que é possível romper com a sintaxe, a dicção metafórica e linguística do clássico com a introdução de elementos vocábulos e rítmicos que são totalmente modernos e, por isso, desautomatizam a percepção viciada do verso tradicional, demonstrando a força ainda fecunda da rima e do metro:

O corpo. Sim, o corpo — uma arapuca
de músculos e nervos enfeixados,
pedaço do universo que se ocupa
como se, em nós, nós fôssemos fechados.

O corpo. Oh sim, o corpo, este arsenal
de pomos de poeira acesa em chama.
Objeto de uso estritamente pessoal,
que a gente empresta às vezes, quando ama.

O corpo, sim. A atômica mistura
de líquidos e hormônios, carne e ossos,
neurônios em fusão com h2O.

Brochura estrutural dos voos nossos.
Capaz de, no milagre da ternura,
leirar em luz o pez do próprio pó.

A tranquilidade expressiva de Viriato no verso metrificado e rimado demonstra, para além da prova inquestionável de que bebeu nas fontes mais vigorosas da tradição ocidental da poesia, uma outra tese: a de que a espontaneidade no verso depende diretamente do uso consciente de uma gama vigorosa de recursos e instrumentos coercitivos da palavra, que permitem, dentro de uma liberdade limitada pelas regras do artesanato verbal, justamente o oposto de uma suposta prisão e asfixia do poético. Ou seja, assim como demonstrou o teórico formalista Iuri Tynianov, em célebre ensaio intitulado *O ritmo como fator construtivo do verso* (1924), a respeito justamente da poesia em verso livre, ou como afirma o grupo OULIPO (*Ouvroir de Littérature Potentielle* ou Ateliê de Literatura Potencial), um poeta que não conhece as regras e coerções que utiliza na confecção do próprio verso é mais escravo do que aquele que domina os instrumentos, regras e coerções que utiliza, de modo consciente, em seu artesanato verbal. A obra poética de Viriato Gaspar é a demonstração dessas assertivas, pois Tynianov, em seu ensaio, demonstrou que o verso livre não *está* livre (e, portanto, não *é* livre) das pressões dos acentos ritmos da sílaba poética se o poeta, de fato, deseja obter efeitos e resultados expressivos por meio do verso livre. A ausência de uma métrica regular no verso não é ausência desculpável de ritmo, elemento imprescindível para que o texto poético resulte em um conjunto articulado de aliterações, assonâncias, oximoros, metáforas, entre outros recursos expressivos nos mais diversos níveis e estratos da língua (gráfico, fonológico, morfológico, sintático, lexical, semântico e interpretativo), a fim de que se obtenha o esperado resultado artístico: o fenômeno poético. Ou, nos termos formalistas, a *literariedade*. Ou, em vocabulário mais rasteiro, a beleza verbal poética.

Em outros termos, Viriato Gaspar demonstra absoluta consciência, em seu artesanato poético, de que a poesia possui, assim como a música e outras linguagens artísticas, o seu repertório próprio de regras, coerções, instrumentos expressivos, e que desprezá-los, em nome de um suposto vanguardismo ou de uma furiosa iconoclastia, não é garantia de resultados nobres e apreciáveis no que diz respeito à arte do verso. Assim, mesmo praticando o verso livre eventualmente, Viriato não se afasta da lição de Ezra Pound (*melopeia*, *fanopeia* e *logopeia*), a qual diz que a poesia só é completa se garantimos altivez e beleza expressiva em nível de ritmo, forma e conteúdo, tanto em verso rimado e metrificado, como em verso livre. A preferência de Viriato pelo verso rimado e metrificado é apenas a consciência de que sua expressão poética manifesta-se melhor, e com mais alvedrio, utilizando os instrumentos que muitos poetas decretaram como uma prisão, e que, no entanto, nas mãos de poetas como Viriato, operam justamente o fenômeno contrário: a liberdade.

Assim, vemos a liberdade poética dos recursos expressivos de Viriato de muitos poemas metrificados ou livres, de sabor de protesto e denúncia social, como em *Feira de amostras*:

na fila do INPS não tem homem
só aleijados
sifilíticos
cegos
opilados
paralíticos

na fila do INPS não tem gente
só andrajos
úlceras
pústulas
tumores
fome

na fila do INPS não existem pessoas
só o refugo das máquinas
as sobras das indústrias
o lixo das fábricas
as fezes da vida
a merda do desenvolvimento

na fila do INPS não há homens
há gado
coisas
dejetos
peças quebradas
da engrenagem do progresso

a fila do INPS é o outro lado da moeda
a outra face das estatísticas
os bastidores do país
o subúrbio da nação
o lado escuro dos gabinetes
a lama por debaixo dos tapetes

a fila do INPS é o retrato
exato
perfeito
irretocável
do brasil.

Ou, ainda, nos versos de metro curto, ao estilo de pequenas trovas, herdados da tradição nordestina e portuguesa, que chegaram ao Maranhão do século 20 por meio da poesia de José Chagas e Bandeira Tribuzi, e que nas mãos de Viriato Gaspar explodem de uma intensa significação poética e existencial, como em *Exercice's book*:

Muito difícil
edificar
este edifício
de puro ar.

Este bizarro
prédio mental,
feito do barro
do bem e do mal.

É cansativo,
pesa bastante,
sem ter motivo
viver o instante,

que a vida dá
(divertimento)
e só de má
torna cinzento,

pura neblina
que se levanta
e nos domina
com sua manta,

por ver que é duro
se construir
o vão futuro
de algum porvir

[...]

deste difícil
vício de ser
o árduo exercício
de um novo ser,

raiz comprida
de lua calma,
tirando a vida
da própria alma,

só tendo a mim
por companheiro,
mas mesmo assim
me sendo inteiro,

sim mais profundo
que qualquer não:
- à flor do mundo,
meu coração.

Poemas como esses são a prova de que a geração de Viriato, assim como ele próprio, assimilou muito bem a lição de verso que foi transmitida pelo grandioso quinteto maranhense, formado por Ferreira Gullar, Nauro Machado, Bandeira Tribuzi, Odylo Costa Filho e José Chagas. O próprio Viriato confirmou, em depoimento para a Feira do Livro de São Luís, em 2013, que a publicação de livros como *Necessidade do divino* (1967) e *Noite ambulatória* (1969), de Nauro Machado, *Os telhados* (1965), de José Chagas, e o *Pele e osso* (1970), de Bandeira Tribuzi, foram fundamentais para que os poetas de seu grupo adquirissem a consciência poética que os distinguiria enquanto grandes continuadores dos recursos expressivos postos à prova por essas quatro altas vozes da poesia maranhense. Sem tais recursos, a poética desenvolvida por Viriato não teria sido vitoriosa, síntese do esforço de gerações inteiras de poetas na busca de uma expressão genuína, ao mesmo tempo moderna e clássica. Por esta razão, não é à toa que Viriato também se indague, em seu célebre poema *Poemar*, se há receituários que possam ser ensinados ou aprendidos na confecção do poema, se há, de fato, alguma lição que possa ser transmitida em forma de poética desde Aristóteles até os dias atuais:

O que botar no poema
e o que dele retirar?
Falar em bomba, em cinema,
ou em flor, em chuva, em luar?

Como Fernando Pessoa,
só ver mesmo o que se vê?
Mentir que a vida está boa,
se está ruim como o quê?

Denunciar, engajado,
o que qualquer cego vê?

Pregar ao operariado,
que nunca nem vai me ler?

[...]

Citar Pound, Mallarmé,
Maiakovski, o cacete,
se o povo, em vez de me ler,
vai é batalhar seu leite?

Donne, Lorca, Baudelaire,
Hölderlin,Villon, Rimbaud?
Ser um grande bricoleur
do que se leu ou escutou?

Verlaine, Guillén, Neruda,
Corbière, Rilke, Musset?
Ah! Quanta coisa maçuda
um poeta tem de ler.

Gautier, Eliot, Sand,
Laforgue, Blake, Éluard?
Antropofálgis, noi-grandes,
Processo, práxis, dadá?

Ser um poeta bem pobre
ou nadar no vil metal?
Sá-Carneiro, Régio, Nobre,
Cesário Verde, Quental?

Cecília, Drummond, Bandeira,
Jorge de Lima, Cabral?
Estrelar a vida inteira
no país do carnaval?

Ser um poeta Vinícius,
o grande, o de Morais,
e escrever, por desperdício,
belos versos imorais?

[...]

O que jogar no poema
e o que dele retirar?
Escalavrar o morfema,
numa sintaxe de ar?

E o corte epistemológico,
o sintagma estrutural?
Surrealista, gongórico,
hermético, marginal?

[...]

Que profissão desmedida
para um salário de fome.
Ser funcionário da vida
e escriturário do homem,

Cirurgião do concreto,
intérprete do universo;
deixar sangrar o alfabeto
na carne viva do verso,

passando a limpo o momento,
plantando fundo uma lavra
de fogo, de fúria e vento,
no duro chão da palavra.

O poema todo, uma verdadeira obra-prima da literatura maranhense contemporânea, aqui abreviado a fim de caber nos limites físicos de um breve ensaio, é o registro de um poeta dotado de uma elevada e grandiloquente consciência artística e literária, que ostenta uma invejável cultura poética, que tem sido cada vez mais rara entre escritores e jovens poetas que, no afã algo desenfreado de publicar um livro e tornar-se uma celebridade — síndrome que é o retrato irretocável da cultura patológica de nossos tempos, de despudorado narcisismo—, ignoram a necessidade do cultivo da língua, da leitura diária e constante, do permanente exercício e experimentação da palavra. Em suma, Viriato é outro legítimo herdeiro da tradição de um sistema literário vigoroso, cujo legado vem sendo transmitido há gerações de poetas que, esteados nos recursos expressivos desenvolvidos por artesãos da palavra de primeira grandeza, deseja nos deixar uma preciosa herança de poemas que atingem o cerne e o ser da palavra. Enfim, fiquemos com o seu *O legado*:

Aquele poema
que não consegui,
mas a duras penas
carreguei em mim.

Aquela pequena
coisa indefinida,
que não foi poema
nem encheu a vida.

O sol escondido
que não se acendeu.
Este não ter sido
que em mim fui eu.

Boa noite por enquanto

Prever a incomunicabilidade nos recantos do logradouro
tentar equalizar o dedo sob o concreto
assistir ao mimetismo da coruja quando elas comem
o sanitário limítrofe nas ruas desvairadas
sem o vinho tinto ou a cerveja nas bocas
com sabão

é esponjosa minha chuva de ordem categórica que fascina os ministros nesse sul
rasga-te a minha pele com suas unhas cor de licorice
e descasca a pele de outra com a lombada
mestrando, doutorando, egresso mi señor

você com sua boca de merda beijou-me até a rua da ex-jogadora de vôlei
enquanto a de cabelinho azul entrava com três

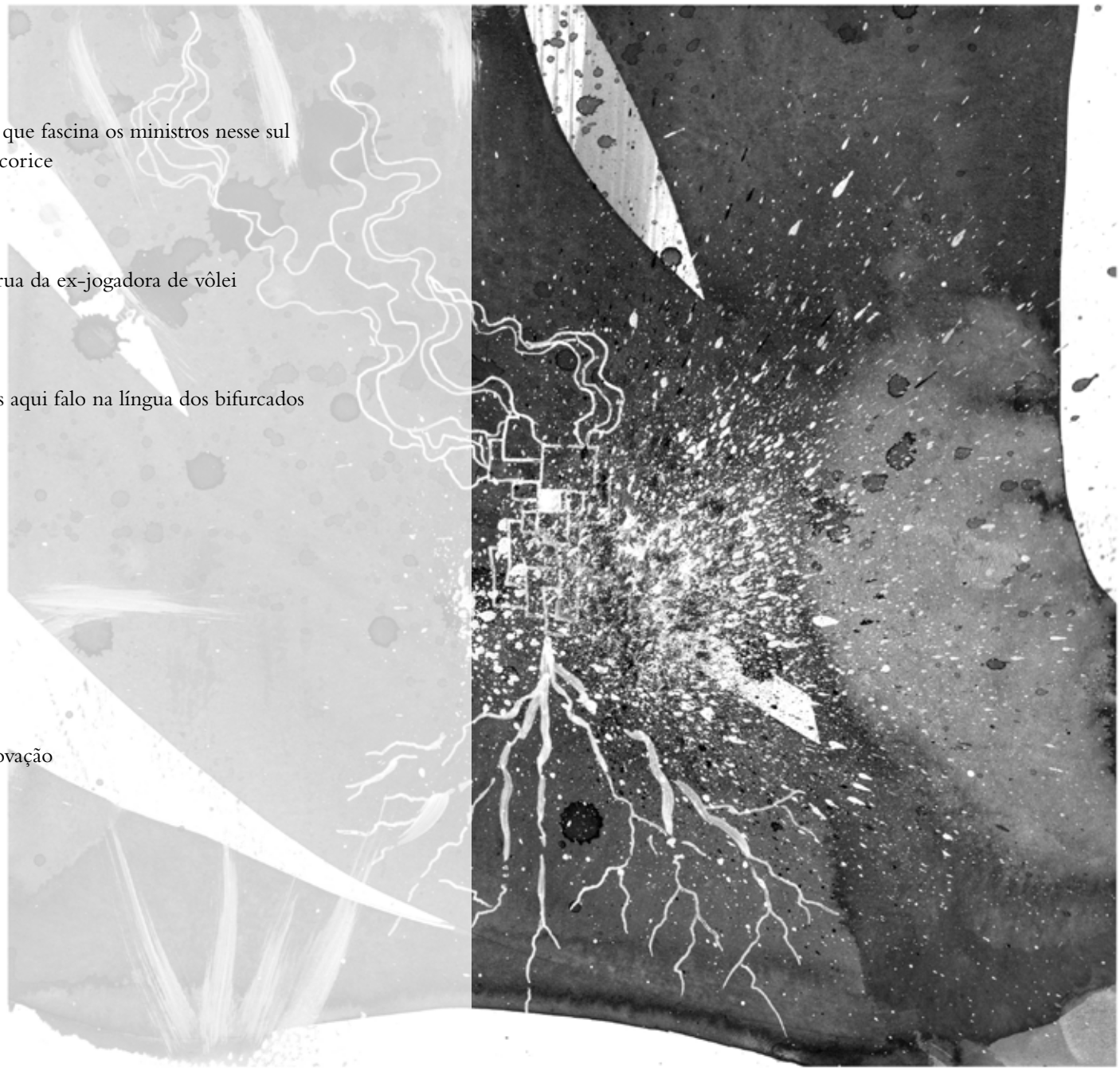
balandier, no hablo mexicano
la bamba foi escrita para ser dita em inglês, mas aqui falo na língua dos bifurcados

eu calculei seus passos
señor
o spray de pimenta
nas unhas sujas

señor, por que sua face está em cinza?
Sinto sua falta, señor

na altitude dos bondes, pousa-se a coruja
maldita seja vosmecê, coruja!
Criando abalos que um dia instaurariam a renovação
mas nunca foram feitos

na quetiapina
falar consigo mesmo
é como estar em casa



• char
Equipe d
inscrições

portal independente
de poesia contemporânea

portal
fazia.
poesia

[redacted]:
faziapoesia.com.br

A colheita

Igor Sales

Dília, tinha tempo que não falava o nome da mulher, viviam juntos há trinta anos. No caminho de casa tentou lembrar-se de seu sorriso, da cor dos olhos, do cheiro. Nada, só Dília. Tiveram um filho que herdara os olhos dela, fazia muito tempo que o havia mandado embora. Não lembrava nem da mulher nem do menino, que era jovem quando seguiu viagem. Vendendo a terra que Madeiro tinha lhe dado para plantar, vou para capital, meu pai, não voltou; recordava das palavras, mas não do rosto.

Parou a carroça às margens do rio, onde um ipê salpicava as águas de rosa. Tirou a pá e a enxada, mangas dobradas, cavara à sombra da árvore. Os campos estavam desertos e o vento forte, a cova era rasa; deitando o corpo envolto de panos, cobriu o buraco. Num monte de terra fincara uma cruz torta que havia talhado. Não tinha lágrimas para chorar, nem lembrava a data de nascimento, tampouco sabia que dia era aquele. Apenas escreveu: Dília.

Em casa desatrelou o cavalo e foi trabalhar. Os pássaros descansando nas estacas, voavam com o zunido da foice. Arava a terra com a enxada do nascer ao pôr do sol. Limpou o mato e o vento carregava as ervas daninhas amontoadas. No pasto dos cavalos, num pedaço reservado, plantou mais feijão e milho.

Depois da colheita, Madeiro carregava o caminhão; suspensão baixa com o peso, fez a entrega dos compradores, terminou o dia contando dinheiro. Lucrou bem, tinha economizado mais do que nos anos passados. Pensou, pensou, e não soube dizer onde gastou nos anos anteriores. O quarto só tinha a cama, grande demais pra ele, e um armário que, descobriu, fora dinheiro mal gasto, ocupava menos da metade; as paredes nuas da casa, quarto, corredor e sala, que havia sido desfeita, restando apenas uma mesa e um banco; na cozinha, o fogão a lenha. Decidiu vender o que sobrava, com o dinheiro compraria móveis mais justos e economizaria.

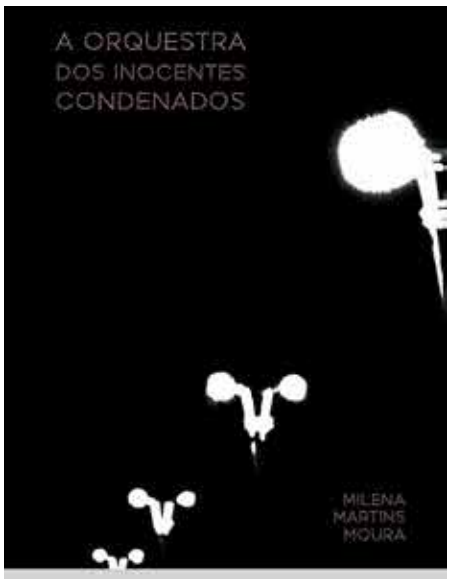
No canto da sala havia uma caixa coberta de poeira. Madeiro esquecera, já estava lá quando chegou, pouco antes dela partir. Dília. Não sabia quanto tempo ficara só, num silêncio tão prolongado que não reconheceu a própria voz quando chamou por ela.

Pegou a caixa no colo, um envelope caiu no chão. Abriu a carta. Uma foto.

Era noite, Madeiro retirou do guarda-roupa o velho baú; a vela diante dos olhos. Dentro, as roupas da mulher. Os vestidos coloridos, flores, pássaros, sentia-nos a leveza, o cheiro; sim, agora lembrava; Dília cheirava a alfazema, a mesma impregnada nos vestidos. Antes de adoecer, perfumava as roupas recém-passadas, espalhando o aroma pela casa. Lembrava dos olhos castanhos que Moisés herdara, e do cabelo claro, quase loiro.

O antigo quarto do filho era um cômodo vazio. Arrastou o caixote até lá, tirando uma casaca de dentro. No peitoril brilhavam as medalhas, refletindo o tênue brilho da chama. A foto amassada mostrava o filho de farda e sabre em punho, sério e bravo. Não carregava um traço do pai.

Madeiro se banhou no rio após trabalhar num dia quente. Depois sentou-se aos pés do monte e acendeu um cigarro. Olhou a água que corria limpa e se cobria de rosa ao passar pelo ipê. Via na outra margem, sob a sombra, duas cruzes.



A Orquestra dos Inocentes Condenados, de Milena Martins Moura, foi totalmente concebido durante a pandemia da Covid-19. Um livro nascido da necessidade de escrever para manter-se sã.

e eu que tinha toque a compartir
abraço os pés
embriagada
tentativa e erro
hoje eu vou ser forte
um gole um sorriso
hoje eu vou ser forte
um carinho um carinho
hoje eu vou vencer o vinho
no vino
no veritas
sangue sangue
o cordeiro e os pecados
dividindo o pão

Milena Martins Moura
Editora Primata

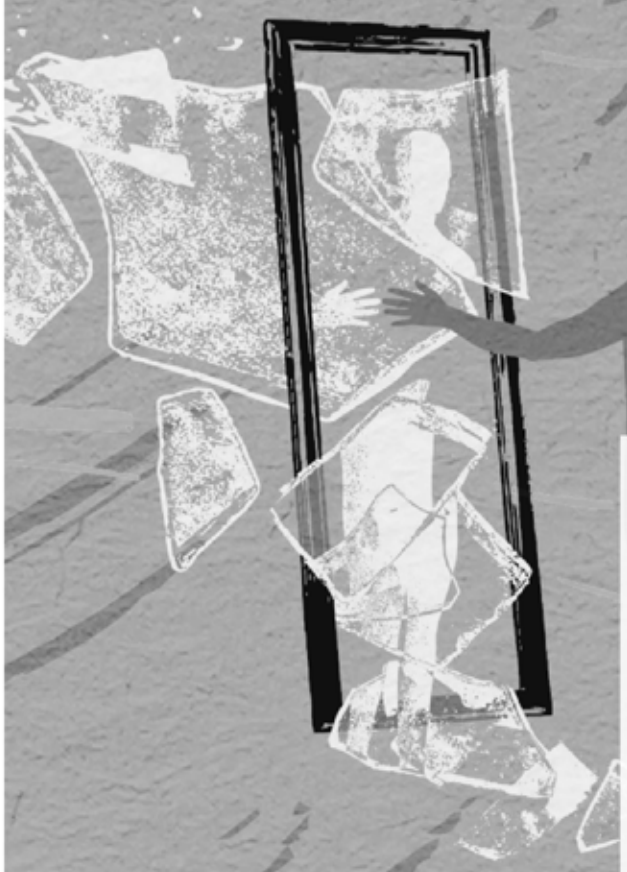
*Disponível pelo site da Editora Primata (**www.editoraprimata.com**/).*

102 páginas

R$ 35

À venda no site: www.editorapatua.com.br

ALMA NA CASA SOZINHA



Felipe Gomes

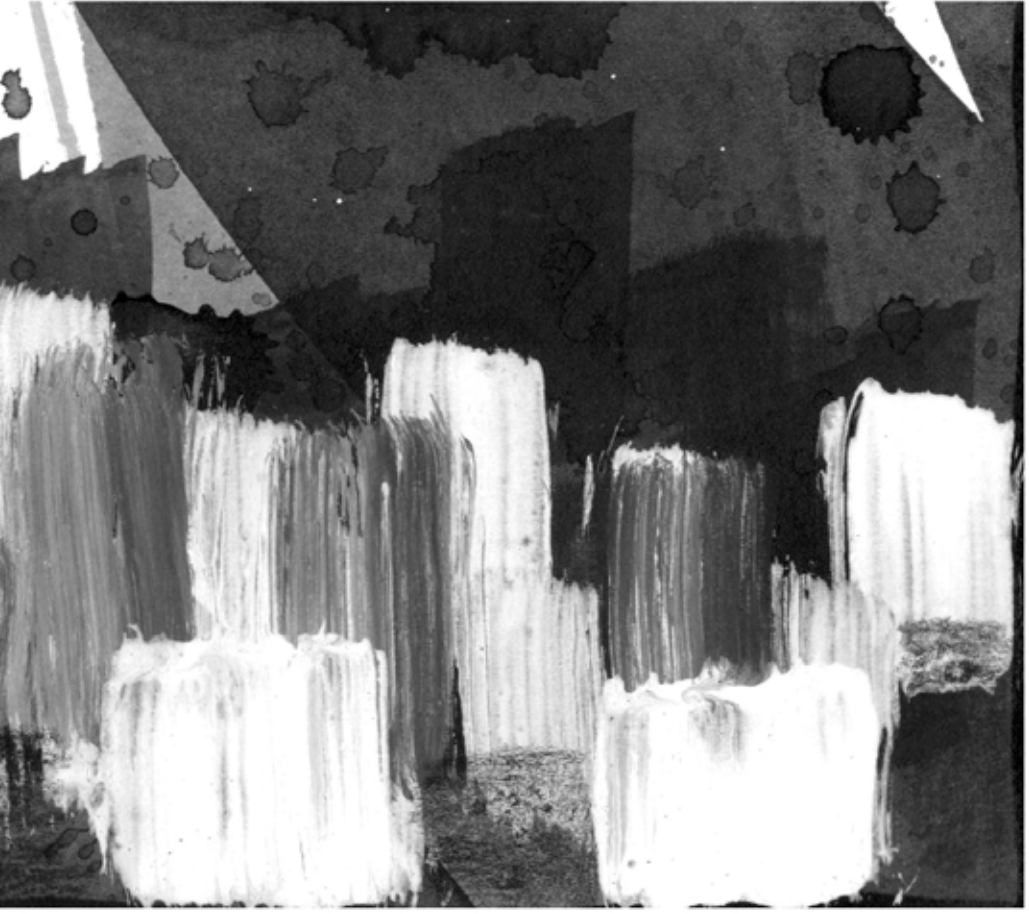
O poeta Felipe Gomes nasceu em 1984 na cidade do Rio de Janeiro, onde vive. Formou-se na UERJ: graduação em Letras, especialização e mestrado em Literatura Brasileira. É professor de Língua Portuguesa na Rede Pública Municipal de Ensino. Tem poemas publicados em diversos periódicos literários. *Alma na casa sozinha* (Editora Patuá, 2020) é seu livro de estreia.

"(...) há uma brutalidade jardim do desejo homoerótico perpassando vários poemas. Gosto muito da maneira como o senso de lugar, de Rio de Janeiro, se dá, sua verve de poeta cronista me seduz. Seus poemas são composições de anotações nervosas, com sentido de urgência. A poesia salta de frase a frase, numa sarabanda de deslocações. É a *sua* linguagem."

Italo Moriconi

PATUÁ
EDITORA

Felipe Gomes
@f.a.g._



Sylvia Plath

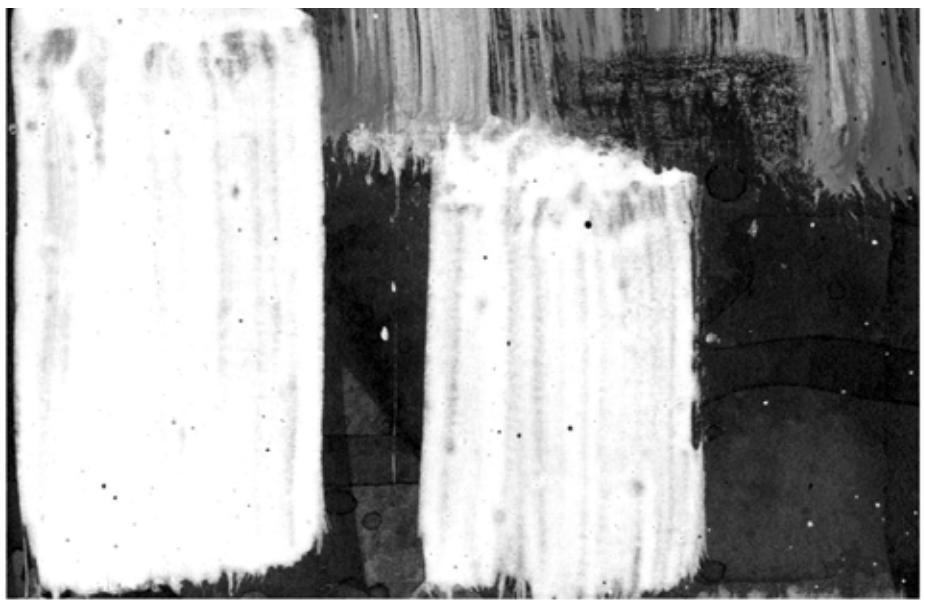
Tradução de Chico Mattoso

Trecho de A Redoma de Vidro

14.

ESTAVA COMPLETAMENTE ESCURO.

Eu sentia a escuridão, nada mais. Minha cabeça se ergueu, sondando o ambiente como a cabeça de uma larva. Alguém estava gemendo. Então um enorme peso chocou-se como uma pedra contra a minha bochecha, e o gemido foi interrompido.

O silêncio voltou, como a água parada se recompondo depois de uma pedra a ter atingido.

Um vento frio me acertou. Eu estava sendo transportada velozmente por um túnel para o centro da terra. O frio parou. Houve um murmúrio, como se muitas vozes discordassem e reclamassem à distância. Então as vozes se calaram.